

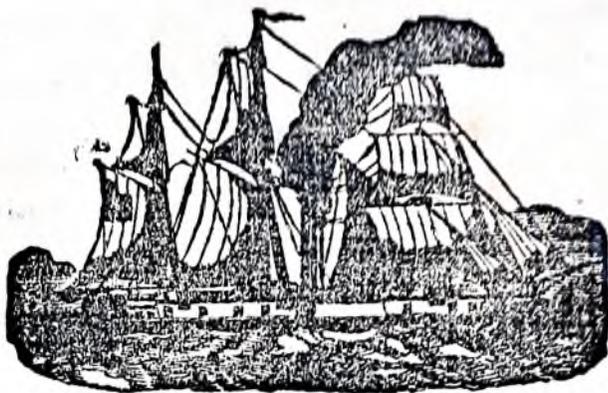


O

ALABAMA

1864-1865

I.G.H.B.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 16.ª

BAHIA 4 DE JANEIRO DE 1865.

N.º 155.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 150 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### Noticias em cartas.

As innumeradas noticias que se espalharam nesta cidade, a respeito do Rio da Prata, são todas falsas. O que ha de verdadeiro é o seguinte.

O Sr. Manuel Felizardo foi nomeado ministro da guerra, para poder ir salvar a patria o bravo marquez de Caxias.

Estão pois satisfeitas as exigencias dos conservadores.

Está salva a patria.



### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do «Alabama» 3 de janeiro de 1864.

Officio ao Sr. commandante do corpo policial, para que informe com a brevidade possivel o seguinte:

Si o musico Virgínio de Souza Aragão, apesar de ausente ha quatro annos, é considerado guarda desse corpo.

Si é verdade que esse musico se acha dispensado do serviço a titulo de doen-

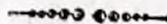
te, quando é sabido que se acha gordo e robusto passando vida folgada e milagrosa, e que de mais a mais é um *Cupido* de nova especie.

Si é exacto que apesar de ausente ha quattros annos, esse musico recebe constantemente soldo.

E no caso de ser verdade, com a authorisação de quem se commette este escandaloso abuso.

—Ao Sr. recrutador da Capital, para que vá até o sitio das Campinas e passe a recrutar uma malta de capadocios e vadios que alli se acham reunidos desde domingo em companhia de uma sucia de mulheres perdidas, na pratica de candomblés e outras immoralidades.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que traga a bordo deste navio uma mulher de nome Maria moradora á rua da Larangeira n. 126 a qual teve a habilidade de dar em uma filha que tem oito duzias de bollos em dias da semana atrazada. Cumpra.



Handwritten text at the bottom of the page, possibly a date or page number: "17 DE JANEIRO 1865".

—Felizmente em pelourinho não se surra a cachorros.

—Porque diz isto?

—Porque sou um dos que *ladram* contra a companhia do Queimado, e estou livre do *Pelourinho*.

—Ora este *Pelourinho*!

Eu sei o que elle quer.

Na companhia do Queimado adula o Paulo Pereira Monteiro; na companhia dos Carros mette os pés no Paulo Pereira Monteiro e adula o Ariani; isto é, está disposto a proteger aquelles, cujos interesses se acham contrariados.

—Bondoso coração!

E não é por interesse que o faz.

Magano!

E para alimentar um sentimento pouco digno, chama cães a seus collegas, a quem aperta a mão. . .



—Ja ha falta de homens; parece-me que grande numero tem ido para o Rio da Prata.

—Quem lhe disse?

—Agora só vem á cidade com cavallos e carvão as mulheres dos tabareus e os filhos; os machos foram-se todos.

—Ora viva! Sumiram-se com receio do recrutamento, que entre parenthesis está suspenso.

—E como ja não ha empregados publicos?

—Quem lhe disse?

—Oh! o correio da Praça é diariamente aberto por uma preta!

—Isto é negocio velho; outro dia vi na Relação uma preta a janella amarrando colchas.

—Que espirito de contradicção! Safa!



/—A carne em Itapagipe está o diabo

—E em toda a parte.

—Alem de cara, magra e podre.

Até dez horas está nos açougues; depois segue nesse deploravel estado a viajar na cabeça d'uma velha de nome Delphina.

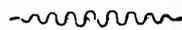
—E' por que podre já sae ella do curral.

—Pode não sahir.

—Sim. . . . então é negocio de *compadres*.

Está que si eu tivesse meu presente de carne todos os dias, não fallava nada, ainda sendo medico da camara.

—Eis ahí o com que eu concordo.



—Vinho e vinagre tem sua differença, não?

—Parece-me, apesar do que muitos taberneiros fazem do vinho vinagre.

—Pois nas boticas é o contrario; fazem do vinagre vinho.

—Força de chymica.

Quem tem direito ao *brevet d'invention*?

—O Agostinho, cujos caixeiros vendem vinagre por vinho aromatico.

—Eugano.

—Esses enganos. . . . ou são de má fé, ou são da ordem dos que vendem veneno por gomma.

E' por tanto preciso que os Srs. pharmaceuticos recommendem cuidado aos seus *praticantes*.

Para caixeiro de botica qualquer bicho careta não serve.



—Não se pode ter por commandante um bicho carnívoro, antropophago, quando se não é da mesma raça.

—Que quer dizer?

—E' que um batalhão de *cavallos* não se dá muito bem, tendo por commandante uma *onça*, bem que cavallo no tamanho.

E quando a *onça* merecia ser tran-

cada n'uma jaula, mette no chilindró a dous subordinados seus!

—E' porque os *caballos* não sabem. Si elles trocam o papel. . . ai da *onça!* . . .

—•••••

—Dizem que o Bethbeset tem presos dous guardas por quererem seguir para o Rio da Prata.

—Isto é velho.

—Mas não convém que continuem elles a jazer presos, sem crime, para satisfazerem caprichos de um militar arrogante, que chega a dizer, consta, que nem o proprio presidente os pode soltar.

—E um governo que tolera isto quer voluntarios para o exercito!

Ora pipocas!

~••••~

—Muita roupa feita se tem vendido.

Estão no seu tempo os taes negociantes!

—No seu tempo está o feliz do 65; até de mais a mais tem o anno por seu.

—•••••

—O campo de Santo Antonio vae a mil maravilhas.

O nivelamento é um gosto; quando a escavação está perto dos tubos do chafariz, pára a obra e adeus minhas encomendas!

Felizes arrematantes!

—Que o Exm. Sr. presidente tracte de mandar examinar a obra.

—Assim foi a calçada d'Agua Branca; já tem um milhar de covas! . . . para encobri-las é que deitaram por cima uma camada de lama.

A chuva porém descobriu a vergonha!

—Vivam os engenheiros bahianos!

—E os arrematantes felizes!

---

#### VARIÉDADE.

---

—Meu charo, convido-te a almoçar comigo, diz'a ao seu maior amigo um

sucio muito conhecido entre a rapazeada.

—Com todo o gosto.

Vou brevemente cazar-me com. . . . E' uma rica herdeira, já vés. Tenho este negocio muito adiantado. Hei vencido muitas difficuldade e estou em meia correspondencia.

—Homem, dou-te os parabens; mas o que realmente eu não intendo é essa historia de *meia correspondencia*.

—Pateta! E' facil d'intender: escrevo-lhe e ella não me responde.

---

#### A PEDIDO.

---

—Então toda nossa vergonha vem do actual governo?

Si morreu o Tamandaré, a culpa é do governo?

Si brigou o Flores com o Menna Barreto, a culpa é do governo?

Si Paraguay mandou reforço ao Uruguay, a culpa é do governo?

Si invadiu o Matto Grosse, a culpa é do governo?

Ninguem por tanto deve ir á guerra, como voluntario?

Ora é melhor que vá mostrar a seu filho o *processo* do seu querido cão, o Traviata.

E' melhor que tracte de indagar, dos escravos, da vida alheia.

E' melhor. . . . .

Sr. Perna Santa, não me faça lhe lembrar a historia de certos ciumes. . .

O Rios.

—•••••

O *Jornal* da 1.º do corrente traz uma moxinifada, que tem por fim lançar o odioso sobre um mestre de musica da guarnição, que não deve pedir para ganhar por que ganha o soldo.

Sabem todos donde vem essa perfeita asneira.

O despeito que transuda todo aquelle escripto denuncia o author, contrariado em seus interesses. A ganancia, a sede de ouro, a cobiça insaciavel, o egoismo, fazem-no perder a rasão e fallar em pontapés, miseravel e barbeiro, quando de pontapés precisa o insolente, ou antes o miseravel que lança sobre sua classe uma injuria para satisfazer simplesmente sua pretenciosa ambição, seu foso orgulho, sua ridicula arrogancia.

O miseravel nem attendeu que pelos couces poderia ser conhecido!

Elle que, militar, que recebendo soldo, anda constantemente a mendigar cartas de empenho, para fazer funcção!

A mim fica pois sabendo que não enganás.

A ti, mánhoso burro, quem não conhecer que te compre.

Perdes teu tempo, que o publico bem te conhece.

Si estás zangado por não achares mamanga desta vez, tem paciencia, contenta-te com o soldo que dizes dever satisfazer aos outros.

Não queiras estar no cazo dos que vêm o argneiro no olho do visinho e não a trave no seu.

E. . . . bufas.

*O tres estrellinhas.*

### **Batalhão Deusa das Artes.**

Camaradas!

E' chegada a occasião de mostrardes á patria afflicta a vossa coragem e o vosso denodo! E' hora de provardes que todas as demonstrações ruidosas de entusiasmo e de patriotismo, mostradas nos passeios arriscados á Pirajá onde fostes depositar vossas insignias e vossos estandartes no templo do immortal Labatut, não foram fofas e vãs.

A patria lá no sul se estorce ás mãos com o despotismo e a deslealdade. E' necessario que mostreis os vossos brios e que não desmintaes os vossos tão

honrosos precedentes e os feitos heroicos de vossos maiores.

No quartel general do Batalhão e casa do nosso sabio e valoroso instructor encontrareis os livros para vós vos alistardes

\*Soldados! a patria tem os olhos fi-tos em vós!

E' mister que cada som que aqui repercutam as brisas do sul, traga a par dos gemidos dos bravos o conto enthu-siastico de vossas façanhas!

Viva o tumulto de Labatut!

Viva o batalhão Deusa das Artes!

Viva o nosso sabio instructor!

O commandante, *Gallinha.* (1)

### **Os truões infelizes.**

QUADROS

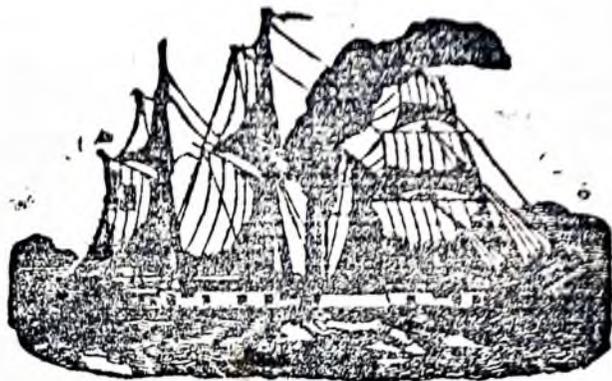
POR — ASMODEU.

III.

A' frente da vanguarda de reforço,  
Ousado roupe um gentil mancebo;  
Na frente traz o stygma gravado  
—De odalisca gentil de mil sultões—  
Coitado! já do seu seio o expelliu  
Coberto de vergonha—nobre classe—  
E' fidalgo, que da Iberia veio  
Versado em ladroeira e picardia;  
E coberto de stygma e baldões  
E entra de frente levantada e *augusta*.  
Ao lado vem-lhe outro *augusto* heroe  
Que a terra do Maranhão nos exportou.  
Como a Lucrecia do soneto de Bocage  
—Com sua prôa não é de certo hontado,  
E' amigos incero do fidalgo,  
E nenhum do outro pôde corar e rir.  
Atraz lhe vem um mestiço tolo  
Figura de Calabar, traidor, infame;  
Zé Russo é boleeiro, ganha tostões  
P'ra livrar-se do captivo do francez.  
Como lacaios vem e são realmente:  
Um celebre ponteirista adulator;  
E' *porta maçu*: e não sei porque  
E' o conselheiro fiel de vossa sucia.  
O outro é um celebre Gallinha,  
Vadio, impostor e descarado,  
Que por deleixo real da nossa camara  
Anda de dous pès em vez de quatro.

(*Continua.*)

(1) Depois de alistados os soldados, do batalhão Deusa das Artes se publicar a ordem do dia, em que serão nomeados para os diversos postos, dispenseiros, vivaudeiras etc.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 16.ª

BAHIA 5 DE JANEIRO DE 1865.

N.º 156.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericórdia n. 17, a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### Noticias do dia.

O Sr. Arnaldo Gentil Ibirapitanga offerece 10 por cento de seu ordenado, em quanto durar a guerra com o Rio da Prata.

—Consta que o Sr. major Galvão e o Sr. tenente Alves se offereceram para ir ao Rio da Prata.

—Dizem que o Sr. aiferes Malaquias José dos Reis segue tambem, como voluntario, para a guerra no Sul.

Avante, meu liberal valentão!

Pela patria, deixa desamparadas duas infelizes que estavam confiadas á sua protecção!

Perde-se um para salvarem-se todos!  
Viva a patria!

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do «Alabama» 4 de janeiro de 1864.

Acto.—O capitão do *Alabama* attendendo ás graves circumstancias em que nos achamos, e compenetrado de que nos casos extremos nenhum brasileiro

se deve negar a acudir em auxilio da honra e salvação do paiz, e com muito maior rasão aquelles que recebem sua subsistencia dos cofres publicos, resolve pelo presente crear um batalhão provisório cujo pessoal será tirado de todas as repartições publicas, concorrendo cada uma dellas com um terço de seus empregados.

Ordena por tanto aos chefes de repartições o cumprimento do presente acto na parte que lhes tocar.

Officio á camara municipal, pedindo, pela segunda vez, que por charidade mande tirar uma grande pedra que está no largo do Theatro desde que se concertou aquella rua, na qual correm risco as pessoas que por alli transitam á noite, principalmente os cegos que andam em grande numero mendigando.

Portaria ao aspirante pedestro João de Deus, ordenando-lhe que vá á rua das Veronicas e passe a deitar a bolla a um enorme cão, que vive solto n'aquella rua a investir e morder quem por alli passa. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ao largo do Cruzeiro, sobrado n.º 6, o

faça sentir aos seus moradores que si continuarem a incomodar a vizinhança com repetidos alarmas e gritos de aqui-del-rei, principalmente como praticaram na noite de 3, serão obrigados a mudar-se em 24 horas, além das mais penas em que incorrerem. Cumpra.



—O Exm. Sr. presidente fez uma proclamação ao povo bahiano, para seguirem voluntarios ao Rio da Prata.

—E é realmente preciso.

Aquelles salteadores de lá passam de s lvagem ao ridiculo; deram para inquisidores. Convidaram todos os *don-dons* e queimaram na praça os tractados celebrados com o Brazil!

Mandam fuzilar um portuguez por suspeito de communicações com os brasileiros!

E matam a vinte e tantos brasileiros por serem favoraveis ao Brazil!

E' pois preciso que o brasileiro vingue essas affrontas, que se vão reunir a milhares d'outras que constantemente soffremos de vizinhos ingratos e turbulentos.

—Sim, sim, eu acho bom; mas a-posto que o Sr. que tanto falla não vae á guerra.



—Onde mora?

—Na Victoria.

—Porque não mora na minha freguezia?

—Tentação, não olhe para mim.

—Que padre devasso!

Administrando o sacramento do baptismo e procedendo dessa maneira!

—Como está magra!

Si V. não quer tomar *arcs* na minha freguezia! . . .

Si não quer morar comigo! . . .

—Ora que relaxado!

E um patife desses anda a inculcar-se de honesto e casto!

Valha-me *S. Pedro*!

—Valha ao tal vigario o milagroso muxingueiro!

---

## VARIEDADE.

---

Uma joven teve de confessar-se com um sacerdote velho e respeitavel. Principiou a relação de seus peccados pelos de menos vulto.

De repente porem vacillou, eravou os olhos no chão, e ficou-lhe presa a lingua na boca.

—Vamos, minha filha, continúa, não tenhas pejo; compra com uma sincera confissão a absolvição de tuas culpas.

—Não me atrevo.

—Vamos, filha minha, não te afflijas; a todos alcança a misericordia de Deus. Leste algum livro mau?

—Não, padre.

—Injuriaste teus paes?

—Oxalá, fora isso e nada mais!

—Blasphemaste contra Deus?

—Não, padre, peor do que isso.

—Invocaste o diabo?

—Não, padre.

—Riste na missa?

—Nada disso. . . .

O padre parou, fazendo diversas conjecturas e concluindo por algum namorico. Pouco tardou para que se certificasse.

—Padre, disse a innocentinha, eu vou confessar tudo, ainda que me custe a vida.

Pelas chagas de Christo, seja indulgente V. Revm. com esta peccadora.

Foi a unica e primeira vez de minha vida. . . eu não sabia o remorso que me havia seguir!

O inimigo me tentou!

Era tão formoso! tinha um olhar tão seductor! . . .

O confessor estremeceu.

—Tão doce! tão carinhoso! . . . continuava a penitente.

—Queria-me tanto!

E o confessor franziu as sobrance-lhas!

—E me seguia a todas as partes! era a sombra de meu corpo!

—Todos são assim, murmurou o padre, que não foi ouvido.

—Uma noite, uma noite aziaga entrou no meu quarto.

—Não succedeu mais do que isso?

—Ai! padre, aqui começa a minha debilidade. . . e o meu crime. . .

—Continue, disse o padre fazendo o signal da cruz.

—Aquella noite estava elle tão carinhoso comigo! trabalhou tanto por tentar-me! e eu peccadora de mim! eu succumbi á tentação!

—Mas, vem cá, filha de Deus, o como não pode tua mãe ter mais cuidado em ti e livrar-te desses perigos?

—Ahi tem V. Rvm., padre; si ella nunca me havia prohibido fazer caricias aos gatos!

—Um gato! com que foi um gato que entrou no teu quarto?

—Sim, padre, um gato maltez, formoso, roliço, grande, branco como a neve, que eu roubei á porteira do convento.

—In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti, ego te absolvo, disse o padre e levantou se.

(*Extr.*)

## A PEDIDO.

Será verdade que na villa de Cayrú, no dia 27 de dezembro p. p. depois da festa que se celebra á N. S. da Piedade, no convento de S. Francisco, os frades tomaram carraspana?

Será verdade que elles, de parceria com um José do Rozario, encarregado da freguezia e uma Rainha dos Anjos, todos no mesmo estado, sahiram com a procissão?

Será verdade que cambaleavam então todos, e que por vezes deu comsigo e com o thuribulo no chão a Rainha dos Anjos?

Será verdade que a custodia ia aberta e que saltou ao chão a sagrada formula?

Será verdade que depois da novena, houve grande alarido dos frades, por serem censurados?

Dizem; não queremos crer. S. Ex. Rvm. que syndique do facto.

—Ora vêem que gallego insolente!

Quer que arda todo o quarteirão fronteiro, e elle não dá cavaco. . . .

Ah! cousa ruim!

Para que esses acintes?

Pois, yaya, V. julga que ha quem injeje o seu ensebado e chulénto Narciso?

E V. ,sor gallego, acredita que ha quem cobice-lhe a ventura de deleitar-se com sua Moura Torta?

Ora fomente-se!

Que casal de sabacús!

Vossês não provoquem, porque do contrario soffrem. Si querem fazer das suas, saiam das janellas. Quem os avisa meu amigo é.

Sinão, vou me queixar ao Jorge.

A santinha.

**Desejo innocente.**

Ah! si eu fôra da policia  
O grão chefe ou delegado,  
Não consentira que o povo  
Fosse tão desacatado.

Pois que o liberalismo  
Não garante a innocencia?  
Como se deixa o Pedrola  
Arrogar tanta insolencia?

O povo que vê nas praças  
De bonet agalado  
O charlatão dos bigodes  
Sobre o cavallo montado,

Diz comsigo, este doutor  
Não é lá nem uma asneira...  
Porque si o fosse a policia  
Desmanchava a pepineira...

Por isso não é licito  
De seu saber duvidar.  
Sem receio lhe deixemos  
Os dentes nos arrancar.

E o pobre povo enganado  
Leva o dente ao charlatão,  
Paga-lhe o queixo que perde  
E depois lamenta em vão!

Diz então curtindo as dores  
Que o maldito lhe causou:  
« Este queixo que pedi  
A policia m'o arrancou! »

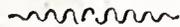
E de bigode impinado  
Passa avante o charlatão,  
Montado no seu cavallo  
Com seu bonet de galão!

Carcamano aventureiro  
—Ridicula caricatura!—  
Foge d'aqui, vê que o povo  
Nem sempre os logros te atura.

Um dia, talvez não longe!

O pobre povo enganado,  
Hade seismar, e então  
Adeus bigode impinado!

*O sem queixo.*



—E nada da commissão do Quei-  
mado dar parecer!

—Homem, ha certos consas...

—Que diabo!

—...certos motivos...

—E o Dr. Goes que tinha tanta  
pressa!

—...certas rasões ponderosas...

—Que impedem aos homens hones-  
tos de fazer o seu dever?

Não é possível, Sr.; o que ha é ca-  
veira de burro, a maldita caveira do  
burro que comoa antiga cabeça de Me-  
duza, mette medo a gente, para depois  
petrifical a.

—Ou isso, ou isso, que é a mesma  
cousa.



Consta que um subdelegado está  
muito zangado com a gente do Ala-  
bama, por causa d'um seu parente que  
se metteu ahi n'umá falcatrua, e diz  
que ha de metter todos na cadeia, pa-  
ra remettel-os como recrutas ao Rio  
da Prata.

Isto ouvi eu e juro; mas, apêzar de  
tudo, creio que é *chalaça* do homem;  
o que todavia não me impede de parte-  
cipar o caso á redacção, a fim de que  
dê ella as providencias.

E adeus.

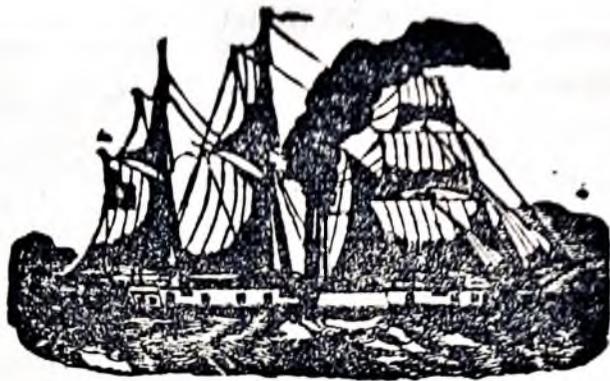
*B.*

---

**ANNUNCIO.**


---

Pede-se a um Sr. Pimentel, de-  
voto de S. Elesbão, e empregado d'al-  
fandega de Latronopolis, o favor de ir  
pagar 3\$600 rs. que ficou a dever no  
botequim do Pedro Alexandrino.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 16.ª

BAHIA 10 DE JANEIRO DE 1865.

N.º 157.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17, a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do «Alabama» 9 de janeiro de 1865.

Officio ao Sr. Dr. inspector da saude publica, communicando-lhe que em uma loja de massas á rua Direita de Palacio vende-se uma bebida por 320 rs. a garrafa, com o nome de cerveja, que cumpre examinar, visto que nos informam ser preparada com substancias prejudiciaes á saude.



—Ora isto! Proclamações ao povo, convidando voluntarios para o sul, officios garantindo a suspensão do recrutamento .... e a caçada a continuar!

Tem la termos isto?! Pois a palavra empenhada do governo é brincadeira? Então quem nos garante que findo o tempo porque se contractou, cada voluntario terá sua baixa?

—Mas, Sr., quem lhe disse que o recrutamento continúa?

—Ainda no dia seguinte ao em que foi publicada e distribuida a proclama-

ção e nos seguintes tem havido recrutamento feito pelo batalhão de Brotas e S. Pedro.

—Isso foi para prender os soldados rebeldes, insubordinados.

—Isso disse o *Jornal da Bahia*, mas foi engano d'elle, pois que até escravos foram presos; um postilhão do *Critico*, doente, um batedor da typographia F. Guerra, um tambor de Sant'Anna, guardas da Sé, tudo entrou para o chilindró.

E entretanto o incomparavel Sr. Saraiva, que imprudentemente declarou a guerra, deixou seus companheiros, desamparou os inteiramente, metteu no bolço os **SESSENTA CONTOS**, e encafou-se no engenho, a plantar cannas!

—Ainda si fossem batatas ou mandioca....

—E quem quizer que siga para o Rio da Prata, para salvar a nação que o Sr. Saraiva comprometteu, em quanto o Sr. Saraiva chupa cannas no seu engenho, bebe seu leite e resomna, ebrio das delicias de Capua!

Pois não! Quem amarrou que desate. Elle que declarou a guerra, sem de-

claração, que arvorou-se em Christie, mandando proceder a represalias, sem attender á proposta d'uma arbitragem, elle que aguento-se!

—Quo duvida! Elle que é o pae da patria, que andava pelas freguezias a fazer discursos pelas eleições, que venha agora ao menos formar um batalhão de voluntarios, animar o povo, por-se á sua frente, guial-o, entusiastmal-o, obriga-o a desatar o nó que elle só deu.

Avance elle, dê o primeiro passo, siga á frente, dê um impulso, um exemplo nobre, de coragem! elle que tem tanto prestigio, tão gabada popularidade. . . . .

Ande, Sr. Saraiva, vamos, queremos ver a grandeza de sua alma, ante os *gaúchos* que V. Ex. tão mal considerou.

—*Amanan!*

—No Travasso ha um muro, rachado, em diversos logares, desaprumado, preso somente pela raiz d'um araçaseiro, o qual por força virá a cahir em breve e pode matar alguém.

—Isto é com a camara ou com a policia.

—Bem servido!

Então ja sabem que cae o muro e si tiver de matar alguém, mata sempre!

Policia e camara! . . .

Camara e policia! . . .

Uma é surda e a outra cega! uma é cega e a outra surda. . .

—O fiscal da freguezia da Penha é um empregado. . . prevaricador.

Tem-se constantemente denunciado que na caza do Sr. barão de Cotegipe, cria-se porcos á vista de todos, e o fiscal passa por alli e não vê!

—Aposto que si eu criasse, ja estava multado.

—Bem bello! Quer V. se comparar a S. Ex.! O barão é grande, pode servir, pode dar. . .

—Temos conversado.

Então si eu criasse porcos, pensa V. que eu não dispensava os ovos em favor de quem visse, calasse e consentisse?! . . .

—V. ja soube do que succedeu no Bomfim com o capitão João Carvalho?

—Sei; dizem que vinha em companhia de um filhinho, quando foi atacado por um sicario, armado de punhal, acerca do qual tivera uma conversa.

O assassino errou o golpe, ficando sem acção, a tempo que o innocente menino, de joelhos, implorava-lhe que não matasse seu pae.

O povo era immenso ja, quando chegou uma patrulha, que em vez de effectuar a prisão, cuja voz dera o aggreddido, poz-se a defender o aggressor.

Mais 6 soldados vieram depois e puzeram-se no mesmo pé; os insultos choveram sobre a victima, que conseguindo com o favor do povo levar o criminoso ao destacamento, foi alli insultada pelo proprio commandante, apesar dos gritos e do pranto da familia, e de uma syncope de que foi accommettida sua senhora!

—Pois isto é serio?

Quasi não creio.

—Oh! Sr.! Facto presenciado por innumeradas pessoas, entre as quaes os Srs. tenente Alves, major Guimarães, Pedreira França, Ceslau Pereira, Dr. Freire e Manuel Thomé!

—Mas então que amizade tem os soldados com o tal sujeito?

—A policia hoje compõe-se de capadocios e bem vê que deve ter amizade com capadocios, tanto mais quando

mora esse pelas immedições do quartel.

—Neste caso, parece-me, deve ser mudado o tal destacamento, como prejudicial à segurança publica naquelle logar, visto que está relacionada com os malfeitores.

—Que duvida! Nem outra cousa é de esperar do distincto character que dirige a policia actualmente.

—Mais uma facada para o coração paternal do Sr. Joaquim Mauricio!

—E' para que elle veja que acafrão não é para boi, nem pão-de-ló para soldado.

Muita bondade é prejuizo, tudo de mais é sobra.

—Aqui nesta rua *que não é de cima*, ha bons pedaços.

—Que viu?

—Aquelle cujo alli no balcão da venda a abraç r aquella mulher e a dar-lhe beijocas!

—Veja o numero.

—48.

—Aspirante!

—Prompto.

—Vá dizer áquelle maganão que não continúe; que é preciso respeitar a moralidade publica. Do contrario... o porão do *Alabama* far-lhe-ha as contas.

—Amorim Linguinha anda armado.

—Por que?

—Diz que foi atacado.

—Por quem?

—Não sei.

—Que arma traz elle?

—Um *revolver*.

—Ora que tollo! quer ver si mette medo; julga que ha quem corra ou morra de caretas.

—E' na verdade uma cara de caretta; desdentado, feio, ruim, besta, tollo...

—E' costume antigo; julga que ainda é soldado de policia.

—Costume é, mas é do tempo em que elle andava de puhal e cacete, feito o terror do curral.

—Jesus! então até as vacas tinham medo do bicho! Cruz, diabo!

—Que dous sujeitos tão parecidos!  
—São gemeos Mauricio e Aarão, joalheiros, vindos do Rio.

Disseram-me que aquelles dous maganos só costumam ir á casa das familias offerecer joias nas horas em que seus chefes não estão, com o fim de impingirem ás senhoras inexperientes o que vale dez por cem.

Contaram-me tambem um caso de uma transacção pouco licita, pelo que foram a presença do subdelegado.

Mas eu não acredito isso.

—Nem eu.

—Talvez seja intriga dos collegas.

—Provavelmente.

## A PEDIDO.

**Aos Srs. ministro da guerra, presidente da provincia e director do arsenal de guerra da Bahia.**

Havia em Latronopolis, no arsenal de guerra, um laboratorio de que era encarregado uma especie de *Borgia*, terror do dinheiro alheio.

Um dos empregados dirigiu-se, um dia, ao pagador e pediu-lhe adiantada sua *feria*.

—Quanto tem?

—Dezesete mil e tantos reis.

—Serio?!

—Sim, Sr.

—Aqui os tem.

Ao chegar porém a folha no sabado, o empregado tinha trinta e oito mil reis pelo menos.

—Sr. administrador, commandante

ou o que quer que seja do laboratorio, quanto tem este homem?

—Trinta e otto mil réis.

—Sr. empregado, quanto tem?

—Dezessete?

—Então, Borgia?

—E' que elle não sabe fazer calculo.

—Pois, Sr., aqui tem os seus trinta e oito mil e tantos reis.

E o homem recebeu o dinheiro que accusava a folha.

Borgia, porém, corre atraz do infeliz e deixa-o, si me não engano, com treze mil reis apenas' . . .

As honradas pessoas a quem me dirijo vêm que o roubo é escandaloso e calculam que muitos outros terão logar.

Si existisse ainda um larapio desses, não seria acaso demittido?

Perguntal-o fora injuriar os altos ca acteres que presidem aos negocios da guerra.

O governo, pois, deve dar as necessarias providencias. Os *ratos* que engordam á custa dos cofres publicos são innumerados: é preciso metel-os na ratoeira.

#### O escandalizado.

—Estou damnado! . . . Estou furioso! . . . Isso não tem geito!

--O que tem, meu amigo?

—Fiz tenção de ir ouvir missa hoje sexta feira no Bomfim, e como me dissessem que o vapor sahia ás 7 horas comprei um bilhete, porém agora dizem-me que só largará ás 9!

De maneira que sou obrigado a esperar ou a perder, o dinheiro porque não m'o querem restituir, apesar da falta ser da companhia.

—Tenha paciencia, amiguinho.

—Ora não sabe?

—Que foi?

—Um bicho *montez* ou *monteiro*, la da caza de prisão sem trabalho, armou uma companhia de larapios e invadiu a fazenda dos Fiaes.

—Quando?

—A 18 do corrente.

—Que fez?

—A quadrilha entrou pela fazenda, desrespeitou a familia que la estava, e deu forte nos pombos que foi um gosto!

—Tiveram entao os larapios bom resultado!

—Engana-se; os negros tomaram os pombos até de dentro dos balões das mulheres que iam na quadrilha.

—Que vergonha!

—E elle que não continúe; a graça pode custar-lhe caro; si houver um bom *guarda*, o tal bicho *monteiro* ficará guardado.

#### Atenção! atenção!

Está preso Theodoro José do Couto, condemnado por injurias feitas á pessoa do Sr. Mariz Pinto.

Quem tem acompanhado esta questão vê que Couto não foi mais que o instrumento cego de quem quiz satisfazer seu rancor contra o honrado Sr. Mariz Pinto.

O proprio Couto chegou já a dizel-o, quando separou-se do *Interesse Publico*, dizendo-se illudido em sua boa-fé.

Assim, satisfeita a lei, preso Couto, illesa a reputação do Sr. Mariz Pinto, nada mais tem este a desejar.

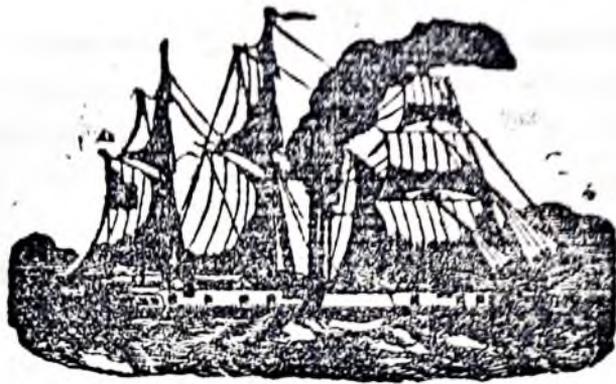
Estou pois muito convencido de que Mariz Pinto, vingado pela lei, terá bastante magnanimidade para livrar das grades d'um carcere a um infeliz.

*Um justicero.*

#### ANNUNCIOS.

Vende-se a venda á quina do Pelourinho que se dirige para as Portas do Carmo e quem nella preferir dirija-se a mesma venda que achará com quem tratar,

Roga-se aos Srs. Justino Pereira Gallo e Antonio Francisco Rodrigues o favor de comparecerem á venda n.º 67 no largo da Soledade para tractarem de negocio de interesse.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 16.ª

BAHIA 12 DE JANEIRO DE 1865.

N.º 158.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 150 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do «Alabama» 11 de janeiro de 1865.

Officio ao Sr. provedor da Santa Casa de Mizericordia pedindo-lhe que em vista do seu bondoso coração e das grandes acções meritorias de interesse e charidade que tem feito, se digno dispensar doze irmãs de charidade para marcharem para o Sul, a tractar dos nossos infelizes irmãos que forem feridos, visto ser esta a missão de sua ordem.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que mande à rua do Tingui a conduzir para o porão deste navio, assim de ser receitado pelo muxingueiro, um certo padeiro que vive allí quotidianamente a escandalisar o publico com um desfructavel namoro, que enjoa e indigna os visinhos. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá à rua do Paço, descida para a baixa dos Sapateiros e mande orçar, para se effectuar, a obra que se faz precisa

com um cano que allí existe, o qual tem por tampa uma pedra collocada em falso, que de continuo levanta-se de um lado, á proporção que se pisa no outro. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá à rua do Tijollo e procure a *Sinhá e Candinha*, e faça-lhes sentir que ainda bem não tinham tres dias de estada naquella rua, ja os moradores dalli representavam contra seu pessimo comportamento, achando-se até a familia do cidadão Manuel Martins de Andrado inhibida de chegar á janella por que fica sua morada fronteira á dellas que costumam andar em casa em fraldas de camisa. Cumpra.

—Consta-nos que não haverá, este anno, lavagem no Bomfim.

—Ja era tempo que cessassem os escandalos na casa do Senhor.

—E tão boa providencia deve se ao Rm. vigario da Ponha e ao Sr. thesoureiro da irmandade.

—E ao arcebispo.

—Sim... e ao arcebispo...

—Ora esta ladeira do Pilar é uma miseria!

—E V. a perder seu tempo!

—Não parece que ha um inspector de saúde que vela pela saúde do povo!

Não parece que ha camara!

Não parece que ha engenheiros!

Não parece que ha policia!

—Ora! nem que as gazetas fallem, e tornem a fallar!

—Veja que enorme monturo!

Ja não ha por onde se passe!

A montanha subiu mais de duas braças de ciseo!

E até deram agora em escaval-a!

—Bom, bom!

—Quando chove, não se pode andar nem por cima do ciseo: as aguas tomam toda a extensão da ladeira e correm pela montanha abaixo, que é um prazer.

—Bagatella!

Quando cahirem as terras, não hão de faltar cobertas de incerados!

—E tudo aqui é assim!

Ora historias!

—Rapaz, abrande o genio, e deixe correr o mundo.

—Em quanto não succeder alguma desgraça, não se dá providencias!

—Costume antigo, risão do povo: O brasileiro fecha a porta depois do roubado.



—Bem bello! . . . E depois vem cá o padre Ayres e outros fallarem da indifferença religiosa que existe, quando elles são os primeiros a dar o exemplo, e a mostrar o caso que fazem dos actos religiosos.

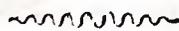
—Que ha de novo?

—Entrei no Collegio para ouvir o côro na segunda feira. e encontrei lá um conego, dous padres, e um frade franciscano.

—E' que os mais estavam occupados.

—Mas si isto é quasi todos os dias! E' raridade quando se vê alli tres conegos. . . .

—Neste caso é escusado fallar por que é materia velha.



—Ouça este pedaço.

—Ouvidos sou.

—Certo empregado publico *vermelho*, que vive constantemente a insultar, furioso e satânico, o actual governo, teve de ser removido.

«Não sigo o meu destino, não vou, que não quero! Posso passar sem ser empregado publico; não obedeco a um governo tão immoral!»

E os companheiros andaram a dizer:

«O F. não vae, vae abrir um escriptorio de commissões.

Gente só os *vermelhos* s! Isso é que é protecção!»

A protecção porém que lhe deram foi ser caixeiro. F. começou a *despachar* na alfandega.

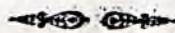
Reflectiu depois melhor e anda agora de joelhos, por todos os ligueiros, a implorar clemencia, a pedir perdão, a lembrar que tem filhos, e rogar que se interessem para que elle não saia da patria que o viu nascer.

—Coitado! tenho pena d'elle!

—E' por que não lhe conhece a arrogancia!

Si por empenho dos ligueiros elle deixar de seguir para o logar de sua remoção, virá disso gabar-se, dizendo que zombou do decreto, graças á sua força e a dos seus!

Isso não é de quem tem bom caracter!



—Não é prohibido ter cães soltos?

—Que duvida!

—Quem os tem não paga multa?

— Quo duvida!

— E que faz a cam'ra?

— Já não existe.

— Que fazem os supplentes?

— Estão sem fiscoes.

— E a policia?

— Como pode a policia acertar com a caza dos donos dos cachorros?!

— Poisentão mate-os, dêl-hes bolla.

Já se não pode com os cães! Além do perigoso risco das dentadas, ha o *desaforo* escandaloso, que os moleques ainda mais escandaloso fazem, com seus gritos, pancadas e pedradas.

— E como está a cidade cheia de moleques!

A policia porque não toma uma providencia a respeito?

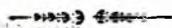
A' noite então, ninguem pode com elles; são encontrados aos grupos. a-proferirem palavradadas, a darem gritos, a correrem atropellando os viandantes, a brigarem constantemente com os companheiros, e si tem de ir para a caza vão; si tem de dormir na rua, dormem...

— Homem, reclame ao chefe de policia, que certamente o attenderá.



— Dizem que a camara mandou chamar os supplentes dos supplentes para tomar assento.

— Si fossemos do presente quatriennio, lá ia o Gouveia Gravata com seus 14 votos.



— Muxingueiro, vae ter com o sabidorio da companhia do Dique e pergunta-lhe quaes são os capitalistas das machambombas, pois desejo saber-lhes o nome.

— Prompto.

— Si nada responder, traze-o ao po-

rao para soffrer o castigo que mereço quem quer fazer dos outros tollos e enriquecer com *saledorias*.

— Obedeço.

## LA VAE VERSO.

### A creoula.

Meus amores são lindos, côr da noite  
Recamada de estrellas rutilantes;  
E' formosa creoula, ou *Thetis* negra,  
Tem por olhos dous astros scintillantes

Em rubentes granadas embutidas  
Tem por dentes as perolas mimosas,  
Gottas de orvalho que o inverno gela  
Nas breves petalas de carminea rosa.

Os bragos torneados que allucinam,  
Quando os move perluxa com languer,  
A bocca é roxo lirio abrindo a medo,  
Dos labios se destilla o grato odor,

O collo de velludo *Venus* bella  
Trocara pelo seu, de inveja morta;  
Da cintura nos quebros ha luxuria  
Que a filha de *Cyuiras* não supporta.

A cabeça involvida em nubia trumfa,  
Os seios são dous globos a saltar;  
A voz traduz lascivia que arrebatá,  
—E' cousa de sentir, não de contar.

Quando a brisa veloz, por entre anaguas<sup>2</sup>  
Españeja as cambraias escondidas,  
Deixando ver aos olhos cubigosos  
As lisas pernas de ebano luzidas,

Santo embora, o mortal que a encontra para;  
Da cabeça lhe foge o bento sizo;  
Nervosa commoção as bragas rompe-lhe,  
E fica como *Adão* no *Paraiso*.

Meus amores são lindos, côr da noite  
Recamada de estrellas rutilantes;  
E' formosa creoula, ou *Tethis* negra,  
Tem por olhos dous astros scintillantes.

Ao vir no chão tocar seus pés mimosos,  
Calçando de setim alvas chinellas,  
Quizera ser a terra em que ella pisa,  
Tornal as em collier, comer com ellas.

São minguaes os seculos para amal-a,  
De gigante a estrutura não bastára.  
De *Marte* o coração, alma de *Jove*.  
ue um seu lascivo cibar tudo prestára.

Si a sorte caprichosa em vento, no m'nos,  
 Me quizesse tornar, depois de morto,  
 Da bejuda fragata o corpo della,  
 As saias em velame, a tumba em porto,  
 Como os Euros, zunindo d'entre os mastros,  
 Eu quizera agoitar-lhe o pavilhão:  
 O velacho bolsar, bramir na prôa,  
 Pela pôpa rojar, feito em tufão.

.....  
 Dar cultos à belleza, amor aos peitos,  
 Sem vida que transponha a eternidade,  
 Bem mostra que a sandice estava em voga  
 Quando Uranus gerou a humanidade.

Mas já que o fado iniquo não consente,  
 Que âmôr, além da carupa, faça vasa,  
 Ornemos de Cupido as santas arcos,  
 Tu feita em fogareiro, eu feito em braza.  
 (Extr.)

## A PEDIDO.

—Consta-me que o Sr. Marinho diz que vae mandar o seu caixeiro castigado para a *sua terra*; que não admite mais caixeiros brasileiros, por que são canalha; que os brasileiros são ingratos etc. etc.

—Deixal-o; o Sr. Marinho pôde, está no seu direito, que se ha de fazer?

~~~~~  
 Dá-se um premio vantajoso a quem descobrir um LADRÃO que habitava a costa do Mar Grande, e que tinha reduzido á escravidão centenaes de pessoas livres, o qual desapareceu ha dias não se sabe para onde.

O Ignacio.

Pede-se aos Srs. capitães dos vapores que tem de fazer viagens para o Bomfim todo o cuidado, além de não acontecer o que aconteceu o anno passado com os vapores *Santo Antonio* e *Jequitaia*, que andaram ás boquinhas.  
 O receio.

Então, amigo Luneta, continuas com tua descarração, cada vez a mais?  
 Seja dia, seja noite quer a pé, quer de cavallo ou de besta?

E's muito safado; tens ja por vezes feito gemer os pretos e nada de emenda.

Por quo te não adiantas com gente da tua egualha?

Para que estás a olhar para o sobrado, a fazer signaes?

Renitente, larga o osso.

Pois não córas das pateiadas que levavas, na hora do jantar?

Pois o *que abrasa a terra* te dará rubor na cara.

E o muxingueiro do *Alabama* dar-te-ha geito no corpe.

Continúa e verás.

*A penca de bananas.*

Quem é aquelle que alli vem a todo galope, parecendo D. Quichote, tão alto e preto, de oculos, em um cavallo castanho?

Eu digo quem é... um preto alfaiate, impostor e bobo das lanternas, que tem este cavallo só para quando quer entregar obr's.

Outro dia encontrei elle as voltas com o cavallo, o cavallo por cima d'elle, elle por baixo do cavallo, e os oculos saltarão longe da mascata...

Como se chama?

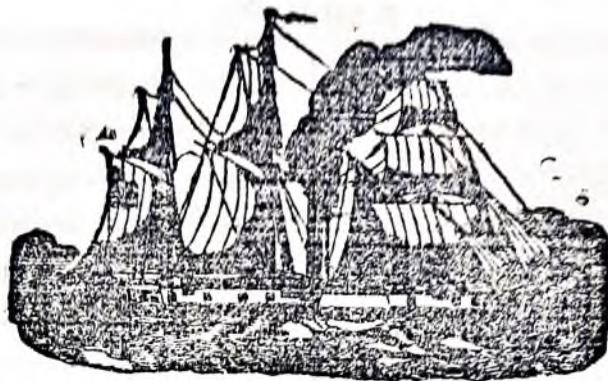
O nome, Sr. Marcolino, não lhe posso dizer, por que não quero que elle saiba.

Onde mora?

Parece-me que mora lá nos matos n'algum *baixão*.

## NOTICIA MARITIMA.

Chegou a sumaca *Francelina* dos portos de *S. José* com um carregamento de carne para vender *fiado* e dez volumes de *insolencius*.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 16.ª

BAHIA 14 DE JANEIRO DE 1865.

N.º 159.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1.ª rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do «Alabama» 13 de janeiro de 1865.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que mande prender, para remetter a seu commandante, um soldado de policia, velho e *piloto*, o qual além de andar dizendo *graças* às senhoras pelas janellas, deu agora em atirar pedradas nos moleques que o apupam. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá à venda do Sete Composto e intime a um certo Joaquim, dono da mesma, que deixe de embriagar-se constantemente para insultar a vizinhança e a quem entra na bodega, sob pena do muxingueiro fazer-lhe as contas, no caso de reincidencias. Cumpra.

—Ora V. não sabe!

—Que foi?

—Pois aquelle sujeito do *macassar* não anda agora mettido n'uma trapalhada!

—Deus o conserve.

—O diabo ajuda sempre aos seus.

—Safou-se ja?

—A trapalhada é para elle um mangelorum.

Um negrinho comprou sobrados, padaria e o diabo em nome do *cujo*, e este agora dá o preto por demente!

—Olá!

Bons recrutas para o Rio da Prata.



—Dizem que o governo propõe-se a acabar com tres companhias nesta cidade.

—Quaes?

—A do olho vivo, a do devora e a do arrasa.

—Explique-se.

—A primeira é a dos ratoneiros a outra é a dos jogadores e a ultima a dos agiotas.

—Que ventura, santo Deus!



—Amorim Linguinha disse que os bachareis e doutores é que devem ir para o Rio da Prata.

—E a companhia do olho vivo, para

que fica? Então não vão os testamentos intrusos, os herdeiros *sabidos*, os ladrões do todo o genero?

Deixo-se disso, Linguinha! . . .

—O *Jornal da Bahia*, transcreveu um artigo do *Alabama*, que falla de voluntarios e do conselheiro Saraiva.

—E está muito ufano, julgando ter atirado uma lança em Africa.

—Pois desengane-se! O artigo não serve a seus fins; o *Alabama* não tem partido, mas faz justiça a quem a tem.

E tanto a faz que no dito artigo repara em que estejam a comprometter o Exm. Sr. presidente, continuando o recrutamento.

—Agora não continua elle, garantto; foram até censurados os commandantes dos corpos, de cujas ordens abusaram os guardas.

—Agora, quanto ao Sr. Saraiva, julgo que elle que é alliado do governo, deve, pelo menos, vir ajudal-o na ardua tarefa de que está encarregado.

—Sim, sim, que duvida!

O meu maior prazer é vel-o, o seu maior dever é por-se á frente d'um batalhão de voluntarios.

—O relatorio do Des. Silva Gomes diz que o Dr. Reis foi demittido de delegado em virtude de graves accusações, que elle em sua defeza não destruiu.

—Serio?! Si o Dr. Reis foi demittido antes de defeza! . . .

—Nem tão *calvo* . . .

—Depois, muito bem defendido foi elle no *Interesse Publico*.

—Ora . . . *cabelleiras*!

—Muito barato está agora o oleo de babosa.

—A' proporção que desce no preço, sobem a carne e a farinha.

—Quando espalhou-se que o corpo policial seguia para o Sul, depois de seguir toda a tropa, corria que os negros iam se levantar.

Agora dizem que levantaram-se, que vivem a insultar as senhoras, a dirigir-lhes pilherias etc. etc.

—E' mão occulta que anda ali; dedo de gigante. . .

—Parece; houve muita gente que não gostou da emancipação total dos africanos livres, e pretende assim desacreditar o acto do governo, porque é acto de livre, porque é acto de liberal.

—Com effeito! ha gente capaz de tudo!

Miseria!

—Está dado o primeiro passo, a guerra está feita, não ha remedio.

Continuam as infâmias, os assassinatos, os roubos, as violencias, os insultos, as atrocidades, por parte do Uruguay, contra os brasileiros!

Brazileiros, como diz o M. Barretto! ás armas correi!

—Sim, bahianos!

Os *gaúchos* acabam de cortar o nariz e as orelhas a um pobre tambor! depois caparam-no! depois, cortada a cabeça, metteram-na n'um espeque, puzeram-lhe o bonet e por acinte um letreiro indicando a nação a que pertencia o infeliz!

—Horror, santo Deus!

Povo, é preciso na verdade vingar tantas affrontas!

Esqueçamos pequenos odios. pequenas dissensões internas, tornemo-nos um só homem para salvar o Brazil!

Que importa que muitos que só tem gosos nos não dêem o exemplo?

Compramos nós nosso dever tenhamos tranquillidade a consciencia e deixemos viver os zangões politicos.

— Está bom, Sr., vá indo qu'jae vou.

---

### A PERDIDO.

---

Hontem, foi um moço comprar um bilhete para o Bomfim, e sendo elle marcado, não consentiram que embarcasse elle para o Bomfim.

Dirigindo-se elle a um Sr. que dizem chamar-se Alves e morar nos Barrís, empregado na companhia bahiana, este o tractou mal, dizendo que o bilhete cortado que lhe era apresentado fora talvez furtado!

Abusar assim da sua posição e insultar ás pessoas que tem negocios a tractar, não parece muito prudente quando nem todos tem instinctos pacificos e pode haver alguma consequencia má.

Pede-se pois á direcção da companhia providencias.

\* \* \*



— Já ha mulher, official da guarda nacional?

— Quem lhe disse isto?

— Eu que vi!

— Historias!

— Passei pela rua dos Carvoeiros e vi uma moça na janella de banda a tiracollo e bonet do 2.<sup>o</sup> na cabeça.

— Será alguma *voluntaria* que vae marchar para o Rio da Prata.

— No batalhão de S. Pedro?

— Deixe-me, Sr. Joaquim.

---

— Arreda, sou um perdido...

Estou prompto a perder-me.

Não tenho casa.....

Minha casa está nas sollas dos pés.

Tenho uma faca prompta para qualquer branco que duvidar da fé.

— Quem é este?

Não conheço.

— Elle está bebado?

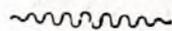
— Talvez, por que é o certo todo o dia.

Oh! este homem é um perigo!

— Onde mora?

— Está me parecendo um lavrador que ha no Matatu Grande; por S. Herculano e por estes gomos de laranja, creio que é elle.

Pois é bom que recorramos ao Sr. subdelegado de Brotas para dar destino a esta peste.



— Sabes quem é aquelle *romancista* que appareceu na *Catana* de 16 do passado em dialogo com um *sujeito*?

— E' um homem de letras, elle mesmo o disse.....

— Qual homem de letras!? Já viste algum andar pelas praças publicas a usar de uma lingoagem d'aquella ordem e a provocar desordens?!...

— Não de certo; será talvez, segundo indicam o *typo* e os ademães, algum adulator do *celebre comico*, algum *loiolista*, isto é, algum da *casta* dos apreciadores da *muller de marmore*!...

— Não duvido; e o desespero d'essa gente é motivado pela justa expulsão do tal *comico* e da sua *impagavel consorte*, de certa sociedade.

— Todavia, parece-me, que o moço é valente; pois disse que *faria saltar os miollos* do outro a quem provocava; apesar de que consta-me que elle por ser amestrado no officio os faz saltar sem quebrar cabeças: creio que me intendes, eim?

— Perfeitamente. Esse e outros de egual jaez, não se querem convencer de que são miseraveis, covardes, pois se atrevem a provocar, não obstante um delles ter levado meia dusia de *bofetadas* em uma das ruas da cidade baixa na tarde de 13 do passado.

—O que me dizes, homem! E o que fez elle ao adversario?

—O que fez?! O que faz todo homem sem brio; levantou-se e disse com o maior cynismo:

—Não gosto de semelhantes graças..—

—Ca, ca, ca, ca; forte pedaço d'asno!..

—E são bigorrilhas d'esse quilate que arvoram-se em partidarios de *insignificantes recadistas de theatro*, e que levados pela inepcia que os caracteriza, ousam insultar o talento, que por ter consciencia e dignidade, não quiz (*como alguém*) tomar parte nos seus espectaculos.... de devassidão!

Apologistas do vicio, que apenas se satisfazem com a materia, desprezando a sublimidade da intelligencia, querendo abater o *genio* para elevarem a *estupida figura da prostituição!*

E são esses os imbecis que nas praças publicas se dizem homens de letras, desmoralizando a nobre classe d'aquelles que de facto o são!....

—Mas eu tenho ouvido dizer, meu charo, que o author desses pasquins contra os taes *pellados* é um redactor de gazeta; si assim è, e si concordas vou já metter a *catana* n'esse pobre diabo.

—Não, meu amigo, não queiras confundir-te com essa canalha de sensualistas, deixa que elles nos lancem improperios, cousevemo-nos como homens de bem.

A carne da *Venus* que elles agora tanto admiram, hade morrer; ao passo que o talento, à quem nos curvamos dignamente, será pela posteridade respeitado ...

—Concordo contigo, e cada vez mais abomina *malfadada Lóld*, e a seus infames sequases..

—•••••

Pede-se a um official de descarga d'alfandega que não troque a casa de sua mulher e filho, pela casa de sua amasia, a qual mora na rua Nova de S. Pedro; lembre-se que ja é velho, pois ja tem netos; e que esta forma de proceder só assenta nos moços solteiros! Por ora só isto, e se continuar, declararemos seu nome, e algumas cousas de sua amasia praticadas em

certa terra do fóra, quando la foi com ella passeiar antes da festa.

*Um da Saubara.*

—Que mono é aquelle que desembarcou agora do vapor de Santo Amaro na ponte da Companhia B hiana?

—É morador n'um engenho onde se planta muito *timbó*, e cujo nome e proezas são eguaes a do heroe da *Martinhada*.

Aquillo é a devassidão em pessoa. Teve a coragem de desflorar uma menina de 9 annos a quem tratava por filha e na presença de suas proprias ir-mans.

—Que malvado!....

—Foi a 24 de dezembro do anno 18.. n'uma povoação cujo dono é um barão filho d'um conde e netto não sei de quem, a qual povoação tem o nome de uma provincia brasileira.

A menina preparava-se para ir a um baile pastoril de que era pastora.

O monstro ao vel-a tão bella e engraçada enche-se de desejo impudico e para satisfazer seu brutal instincto toma o pretexto de mandal-a ao quarto buscar o quer que fosse, e trancan-lo-se com ella consummou seu nefando acto aos gritos da innocente violentada, e da familia consternada.

Ao depois empurrou-se por uns dias para um logar onde se faz *armas* em quanto passava a effervescencia.

As authoridades fizeram que não sabiam apezar da notoriedade do facto, mas a lingua do povo nunca mais o deixou pôr o pé em ramo verde, pelo que viu-se obrigado a mudar-se e ir plantar *timbós*.

—Aquelle patife só amarrado a uma *pereira* ou nas garras d'alguma *moustro marinho*.

—Por S *Martinho*, é o que merecia.

### Charada.

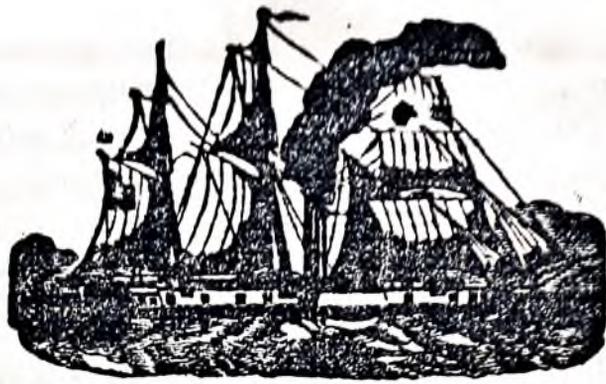
Sou parte do corpo humano—2

E ao homem torno andante—1

Sou parte dos animaes—1

CONCEITO.

E bacía de estudante.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 16.ª

BAHIA 19 DE JANEIRO DE 1865.

N.º 160.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17, a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### À o Povo.

O Sr. conselheiro Saraiva veiu á imprensa, porque *lhe escreveram* que estava sendo calumniado, attribuindo-se *lhe* a recepção de 60:000\$000 rs., por occasião de sua missão ao Prata.

A *calumnia*, porém, S. Ex diz ter partido do Sr. senador visconde de Jequitinhonha, propalada talvez por empregados do theouro.....

Bem vê S. Ex. que ha mais tempo devera tel-a fulminado, visto que se não concebe que S. Ex. só saiba do que diz a gazeta quando *lhe* escrevem;

O que, a ser verdade, só vem para provar o mal que faz S. Ex. em metter-se no seu engenho, sem cuidar da patria, de cujos interesses *teve alias o civismo de encarregar-se no Prata.*

Sendo agora o primeiro a declararmos ao mundo que S. Ex. só recebeu 15:000\$000 rs. *de ajuda de custo ordinaria*, pedimos-lhe que se digne por favor explicar ao Povo a razão, porque n'uma crise terrivel que S. Ex. pro-

vocou, desampara S. Ex. os negocios publicos, quando acaba de dizer no *Diario* de 17 do corrente que servirá sempre á patria, quando julgar que precisa ella de seus serviços.

Bem vêm todos que S. Ex. não pode dizer que não precisa o Brazil presentemente de seus serviços: a razão porque o Sr. Saraiva não está em campo é outra: algum mysterio profundo, cuja revelação o publico deseja na hora solemne do perigo commum.

Os amigos de S. Ex. não são sinceros; deviam *ter-lhe* tambem *escripto* que d'involta com a calumnia, havia taes exig'ncias.

Passando agora a um miseravel adulator que appareceu em um *communicação* no *Diario* de 14 do corrente, dizemos a elle que diz que seria melhor não responder-nos, que nós não *lhe* daremos resposta.

A opinião publica julgará quem tem razão. Ao povo por tanto é que nos dirigiremos.

O *artigão* do impudente bajulador principia por dizer que o nosso *artiguito*, como elle chama, diz ter cou-

tinuado o recrutamento, ainda depois da proclamação do Exm. Sr. presidente.

E assim foi; houve recrutamento feito pelos batalhões de Brotas e S. Pedro; o proprio presidente disse o á certa pessoa que com elle esteve, acrescentando que reprehendera a seus commandantes os quaes desculparam-se com o abuso dos guardas, encarregados de prender soldados que não compareciam, vulgarmente chamados de *rebeldes*.

Diz tambem que convidamos os cidadãos validos a não servirem e os soldados a desertarem de suas bandeiras.

Calumnia desfaçala, cujo premio tereis em tempo, miseravel politiquero....

Diz mais o communicado que o *Alabama* censura o castigo a soldados *rebeldes*, cousa a que elle responde com uma risadinha amarella.

O riso do desdem, do asco que inspira a baba nojenta do reptil venenoso, é o que mercede a calumnia que atrai nos.

Intendemos porem que não devemos perder tempo, analysando as outras infamias que pullulam no artigão do miseravel, que nem d'um pseudonimo teve animo de usar.

S. Ex. o Sr. presidente da provincia sabe que somos incapazes de criar tropeços a um administrador bem intencionado, justiceiro e recto, como é S. Ex.. Nosso programma (contestando aqui o direito do *artigão* de chamar o *Alabama* de liberal, pois que este sempre disse não ter partido) é fazer justiça a quem a tiver.

S. Ex. sabe que amigos não são escravos.

E o Povo faz-nos a justiça de crer que nunca seremos contra uma guerra em que se acha empenhada a honra do Brazil.

Imprudencia, ou não, cabe a nós agora sustentar a independencia e integridade do imperio e defendel-o dos seus inimigos externos.

#### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do «Alabama» 18 de janeiro de 1865.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, pedindo-lho providencias para que seja mudado do destacamento de Santo Amaro o alferes da guarda nacional Manuel Jeronimo, medida que se torna necessaria a bem da ordem á vista do descontentamento que se nota na população, pelos excessos, tropelias e abuso de poder que consta tem aquelle alferes praticado.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que segundo nos informam, uma certa parda de nome Belmira, moradora á Fonte Nova do Desterro e que possui uma roça na fazenda Santa Cruz, freguezia de Brotas, dá ventura, tira ventura, bota diabos, tira diabos, cura, mata, tem santo na cabeça, embriaga-se diariamente, faz casamentos, descasa, descompõe uma sobrinha, insulta os vizinhos, canta, ri, chora, dança, toca, samba, tudo mediante dinheiro que lhe dão os tollos.

O que, a ser verdade, não é possível que continue com tão manifesto damno da religião e da moral publica.

—Ao Sr. subdelegado da Sé, participando-lhe que no armazem da caza n.º 12 á rua do Bispo ha todos os dias ajuntamentos de africanos, das duas horas em diante.

—Ao mesmo, pedindo-lhe providencias para que cessem os escandalos e immoralidades que se praticam em uma casa ao becco do Arcebispo, pertencente a uma tal *Maria Cabrinha*

onde ha constantemente bebedeiras e palavras obscenas, chegando a orgia ao ponto de porerem-se todas nuas no sabbado e domingo à noite para *sambarem* desesperadamente em companhia de diversos capadocios.

—En cantada caveira de burro!

Nada de parecer da commissão do Queimado!

A do theatro ja deu seu parecer e a outra nada!

—Ora bem bello! Pois uma commissão *chymica* é para ser comparada ao exame de bagatellas theatraes! V. não vê que é preciso tempo, estudo, trabalho. . . .

—E como o Dr. Goes deu um parecer tão depressa?

—E' que o homem queria desencantar a caveira de burro.

—E vae o povo continuando a beber agua podre, pessima, como tem estado e ainda mais estes ultimos dias.

—Nem tanto. . . .

—Que diz o Sr.?! Ora não brinque. Eis ahi que informam-me neste momento que o Exm. Sr. inspector d'al-fandega mandou hontem fechar as *penas* de sua repartição, communicando o facto á companhia!

—Sendo assim. . . .

—Que terra! que gente! . . . . .

—O desfructavel communicante do *Diario* de 14 do corrente diz que breve tem o *Alabama* de soffrer a acção penal do codigo.

—Que tollo! pensa que mette medo com suas caretas.

—E' amigo que compromette as causas; fez uma excellente defeza o tal advogado sem nome! . . . .

—Tem vergonha de apparecer.

—Provavelmente é algum sujeito que desceu das *columnas officiaes*.

Assim é natural esquecer a assignatura.

—Historias! o que elle é é um escravo do Saraiva, fugido do engenho.

—Prenderam na Saubara e remeteram para Santo Amaro, para de lá ter conveniente destino como recruta, um pobre homem que sustenta sua avó septuagenaria e sua mãe cega.

E dizem que foi por intrigas.

—São bem maus esses excessos.

—Fazia dó ver a pobre velha acompanhar o neto até Santo Amaro, e la, de joelhos aos pés d'alguem, implorar a soltura de seu neto sem ser attendida.

—Felizmente as authoridades superiores não pactuam com esses abusos.

### Parodia a proposito.

*Aguirre* plantou quiabos,

*Saraiva* fez caruru,

O *Mitre* deu a farinha,

O *Lopez* mecheu angú.

(C. popular.)

### A PEDIDO.

Adverte se ao Sr. sargento do corpo policial Moraes para que seja mais polido e comedido para com as pesscas com quem tiver de tratar em acto de serviço.

Deixe a sua grosseria la para os soldados que tem a infelicidade de lhe estarem subordinados e que remedio não tem si não aturar-lhe o genio rixoso.

*Um maltratado.*

**Recitativo para viola.**

OFFERECIDO AO DR. A. L. P.

Quando te vejo qual perfeito burro,  
Grande casmurro a enxergar d'antolhos  
Sinto, lamento não poder (tu crêras?)  
Com miúdas veras escangalhar-te os olhos,

Quando te vejo a caminhar ligeiro  
Como um sendeiro a galopar tangido.  
Tenho vontade de fazer parar-te,  
Para esfregar te com um mangual cosido.

E quando leio a informação que dêste  
E que quizeste a estupidez mostrar,  
Sinto não possa esta coisa rara  
Na tua cara com prazer rasgar.

Ja mais não grimpes, meu gagento pinto,  
Que eu não consinto que tu vás assim;  
Anda direito, toma bem cuidado,  
Se não maguado hade ser o fim!

*Pelo Dr. Erronigem.*

**C'est vrai.**

Em quanto ao soluçar de mil cuidados  
Nossos pobres irmãos marcham p'ra guerra,  
Se combate por mar, quanto por terra,  
Com dispendios e perdas de soldados;

Em quanto os brazileiros denodados  
Sitiam Paysandú, e quanto a terra  
Do feroz paraguay, que se emperra,  
Tem fé de supplantar, sempre atianados;

Em quanto o Brazil todo se conjura  
A vencer ou morrer nesta contenda,  
No justo desempenho de bravura;

Só tu, meu diplomata d'encommenda,  
Gosando da saraiua da ventura,  
De tuas cannas trataes na moenda;  
(Do Jornal da Bahia de 14 de janeiro.)

**Atenção.**

Pergunta-se ao Sr. Malaquias a razão porque, segundo dizem, tem em sua caza, á rua do Bangala, as escravas Ignez e Mariana e filhos, tendo estas um depositario, que é o Sr. alferes Costa?

Para que não continue semelhante abuzo, chama-se a attenção do muito digno Sr. Dr. juiz municipal da 2.<sup>a</sup> vara, afim de que o liberalismo do dito Malaquias não chegue até o ponto de estar se aproveitando dos serviços d'aquillo, que lhe não pertence.

Assim, sim, pode-se muito bem tractar de liberdade!

**IMPORTAÇÃO.**

De Pernambuco para Coyrú, cuter Alfredo capitão José, consignatario Oliveira Dr., 200 canastras de depravações, 800 fardos estupidez, 100 gigos insultos, 500 barris insolencias para amo-tra; passageiros a mãe do capitão, o creoulo Manuel Luciano, e José Carço, amigo do mesmo.

**ANNUNCIOS.**

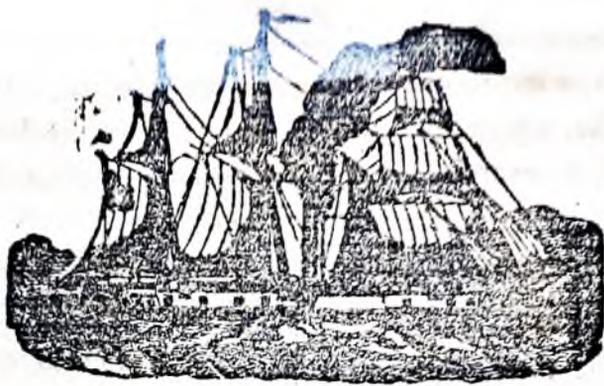
Pede-se a certo guarda da camara que vá pagar o importe dos generos que tomou para si e seu companheiro (o qual diz ja lhe ter entregue sua parte) na venda da Estrella do Norte.

Pede-se encarecidamente e pelo milagroso S. Nicoláu, a certo dentista, que vá pagar a quantia de 10\$000 rs. que deve na venda da Estrella do Norte.

Pede-se a certo individuo servente de rua o favor de pagar seu debito á venda Estrella do Norte.

Vende-se a venda á quina do Pelourinho que se dirige para as Portas do Carmo e quem nella preferir dirija-se a mesma venda que achará com quem tratar,

Roga-se aos Srs. Justino Pereira Gallo e Antonio Francisco Rodrigues o favor de comparecerem á venda n.º 67 no largo da Soledade para tractarem de negocio de interesse.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 16.ª

BAHIA 20 DE JANEIRO DE 1865.

N.º 161.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17, a 1.ª rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do «Alabama» 20 de janeiro de 1865.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, participando-lhe que um muro que se está construindo no Montserrat para impedir os estragos do mar, é feito de tal maneira que o mar já o alluiu pela base, não tendo além disso grossura alguma, e sendo construido de pessima liga; escandalo que deve V. Ex. mandar examinar, para que não continuem a soffrer os cofres publicos.

—Ao Sr. subdelegado da Sé, communicando-lhe que na noite de 18 do corrente um individuo de nome Luiz, empregado na casa de Saude do Dr. Seixas se apresentara às 10 horas da noite em casa de um homem na rua da Lorangeira, da qual diz ser inspector, para tomar arrolamento, e como o homem se negasse e, por estar um pouco spiritualisado, o repellisse de uma maneira um pouco forte, o referido Luiz

apresentou-se depois com dous guardas policiaes, invadiu a casa e levou o homem a rastos, preso á ordem de V. S. que por certo não combina com taes desmandos, e de quem espera-se repressão para tão escandaloso abuso.

—Ao Sr. commandante do corpo de caçadores, communicando-lhe que na noite de 18 um soldado do batalhão do seu commando, que se supõe chamar-se Francisco de Salles, espancara brutalmente a uma mulher na rua do Maciel de Baixo, e sendo preso e remettido para o quartel por um official do mesmo corpo, no caminho evadira-se e voltou ao logar do conflicto onde continuou a espancar a mulher, constando que semelhante procedimento tinha motivo em não querer ella prestar-se a certas exigencias do mesmo.



—Muito soffrem os soldados, são simples e puras machinas; são uma especie de brinco para divertir os chefes.

—Porque diz isto?

—Porque em quanto o Bethbezet

moreva no Barbalho; a cavallaria fazia exercicio no Barbalho, agora que mora na Boa Viagem, o exercicio é na Boa Viagem.

—Ora vêm vossês que asneirolla!



—Ha mais do dez mezes que está aberto, no meio da rua dos Coqueiros d'Agua de Meninos, um grande buraco, e ainda a camara se não dignou mandar tapal-o!

—Pois nem pelo Senna Moreira morar alli!

Safal...



—E continuam a espalhar que os negros *se querem levantar*.

—Maganos! Estrategia de alguns militares que se querem fazer necessarios para ficar na Babia...

Patifes!...



—Malvada negra! vou te vender ao José Carlos que é quem sabe ensinar escravo!

—José Carlos!

Ah! sim!... o homem que é para tudo... em quem para tudo se falla!

Até para ensinar escravos!

Pois olhe, não é nada bom o officio; carrasco...! isto é sem duvida asneirolla sua.

—Eu digo que elle é bom para ensinar escravos, por que o homem arre mata obras e emprega no arduo trabalho de serventes aos seus escravos.

—Ah! logo vi!

Si o homem é liberal!...



—Ha muita falta do policia nesta terra!

Si não houvesse, não estariam aquelles capadocios moradores no becco do Rincão, á Rua das Veronicas, em frat-

das do camisa, alli na esquina do Caminho Novo, ás dez horas da noite, horror em que muitas familias ainda estão acordadas.

—E que optimos recrutas para o Rio da Prata!

—Estou certo que estes lá não irão, por que se porão em salva-guarda.



—Sahiu o bando, publicando o decreto que criou os corpos de voluntarios.

—Tem com effeito muitas regalças e garantias:

Tresentos réis por cima do soldo, insignia honrosa, gratificação, terras para lavrar, et cetera, et cetera, et cetera e tal.

—Mas consta que os vermelhos dizem que a assembléa geral não approva o decreto, assim de despersuadirem os rapazes que pretendem seguir para a guerra.

—Veja o que disse o *Patriota*; tudo que apparece é obra dos vermelhos; nem tanto!...

—Nem tanto, nem tanto, e tudo se vae fazendo.

—Pois eu juro que não ha hoje no Brazil um brasileiro que folgue em ver manchado o pavilhão nacional.

—Coração nobre!...



—Contaram-me o seguinte caso, que deixo á apreciação de cada um:

Emygdio dos Passos Lima, morador ao Rio Vermelho teve, dizem, uma questão com dous filhos do Sr. Moreira Sampaio, os quaes o foram esperar com um chicote.

Emygdio conseguiu tomar lhes o chicote, e o foi depositar em casa do subdelegado Dias; depois os aggressores foram vistos de pistolas engatilhadas atraz da casa de Emygdio, o qual

se foi queixar ao Sr. José Carlos, sub-delegado do Rio Vermelho, que lhe aconselhou que andasse com a sua espingarda carregada!

— Quem lhe disse isto?

Pois o Sr. José Carlos é doudo para dar tal conselho!

— Não garanto; mais affiançaram-me.

O que é certo é, que até ja um parente do agredido participou ao Dr. chefe de policia, que mandou que dösse queixa.

---

## VARIEDADE.

---

### Mandamentos do proprietario.

Diga, meu menino, quantos são os mandamentos da lei de Deus!

— Dez.

— Muito bem; diga-os lá.

— Olhe a fallar a verdade, não me lembro bem, mas si quer, lhe posso dizer os do proprietario; é a oração favorita do papá!

— Pois diga, sempre quero ouvir.

— Primeiro: amar o dinheiro sobre todas as cousas e ao proximo como a nós mesmos, excepto aos inquilinos.

— Segundo: amar o dinheiro sobre todas as cousas, ainda que se vá para as profundas do inferno.

— Terceiro: guardar as suas festas, isto é, ás subidas e ambição.

— Quarto: honrar como bom filho o interesse e a ambição.

— Quinto: não matar com trabalho nem a pedreiros, nem a carpinteiros.

— Sexto: guardar com amor o dinheiro.

— Setimo: não furtar, mas augmentar a renda o mais possivel.

— Oitavo: não levantar as casas, se não até as nuvens.

— Nono: não desejar a propriedade alheia quando estiver arruinada.

— Decimo: não cubigar as cousas alheias, sem contar os bens dos inquilinos que pelo arrendamento ficam sendo proprios.

Estes dez mandamentos encerram-se em dois, que vem a ser: amar e servir o idolo dinheiro e querer aos haveres alheios como os proprios.

(Extr.)

---

## A PEDIDO

---

Será certo que o musico Virginio de Souza Aragão, ausente ha quatro annos do corpo como doente, acha-se com casa de negocio na Pirajuhia?

Será certo que esse musico fôra até agora dispensado do serviço à moda *phosphoro*, e que só depois da entrada do actual commandante obtivera uma licença de seis mezes?

Si esse homem acha-se impossibilitado do serviço por soffrer de molestia de peito, que não apanhou em serviço do Estado, porque não se lhe dá sua baixa, desagravando assim os cofres de tal despeza?

*O corujão do quqrtel.*

— Que sujeito é aquelle com cara de bicho?

— E' o *Jozé ferreiro*, refinado desfructavel, insolente, de primeira ordem e malcreado pertinaz.

Além destes predicados, tem gana de rapoza e de tempos a tempos invade um *gallinheiro* que ha lá para as bandas da estrada de ferro, chegando nessa occasião a profanar até o lar domestico.

— Então vou mandar prevenir o chefe da estação dalli para que tenha muito cuidado com semelhante bicho-homem.

— O melhor é pedir ao muxingueiro do Alabama que intenda-se com elle.

### Aos Illms. Srs. Drs. delegado o juiz de orphãos.

Informam-nos que existe na caza do Sr. Jorge Blandy, á ladeira da Graça, uma crioulinha de nome Paulina, de dezoito annos de idade, mais ou menos, a qual nasceu livre e é com tudo alli bastantemente maltractada pela Sra. do Sr. Blandy, a ponto de ficar enfesada e não ter crescimento, parecendo ter apenas oito annos de idade.

É filha da preta Felicidade que ficou liberta quando seu senhor que era um inglez foi para a Europa.

Blandy alugou esta aos Andrades da Solidade, depois do que desapareceu ella, morrendo talvez pela epidemia...

A Paulina foi baptisada como escrava pelo então vigario da Victoria, o finado Joaquim das Mercez; foram padrinhos Fritz, filho do Sr. Hasseman e a parda Maria dos Anjos que fora cozinheira de Blandy.

Pede-se pois providencias aos Srs. Drs. delegado o juiz de orphãos.

*Um amigo da justiça.*

### Carta do Dr. Murrinhos a seu amigo Dr. Ant'elhos.

Collega, para satisfazer tua exigencia te envio a copia textual da nota, de que me fallaste com tanto empenho, escripta á f do liv. de 186... existente no archivo de certa repartição e é do teor seguinte:

*« Ficou em branco esta folha por estarem pegudas estas duas paginas, quando se acabou de escrever a folha anterior dando-se por isto quando ja escripta a folha seguinte. L. P. A. »*

Estas iniciaes bem se pode traduzir pelas dos nomes — Amaldiçoado, Pedante e Lórpa. E com effeito o sujeito é um lórpa; e si não veja: E' baixo,

grosso bastante, do olhos tão esbugalhados que não cabem nas orbitas, toezas, em vez de pés, cabeça tamanha que á primeira vista confunde-se com a de um burro, falla pouco por calculo sempre gaguejando, e tão cerrado, que ha quem o tenha *comido* por portuguez.

Dizem que, apesar de formado, é um burro; que o que concebe não escreve, porque não lhe ajuda a lingua. Digam lá o que disserem, collega, o homem apesar de burro, é doutor e viva a patria que o viu nascer e a mãe que para cá o mandou.

Em breve, collega, lhe contarei alguns casos deste sujeito.

Adeus, tenha saude.

*Dr. Murrinhos.*

P. S.

É pena, collega, que no escripto do tal Dr. só se veja uma virgula. Será isso mesmo sabedoria?...

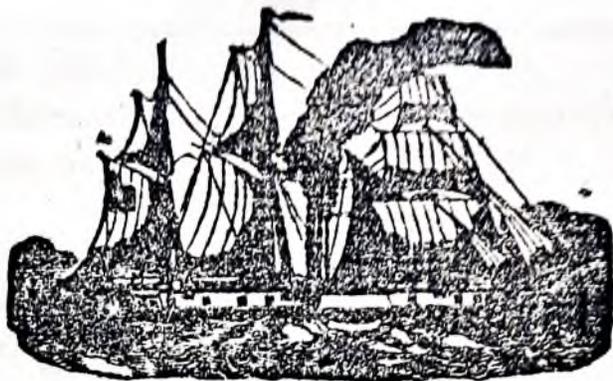
### ANNUNCIOS.

Roga-se aos devedores da venda Estrella do Norte, queiram vir saldar seus debitos, do contrario verão seus nomes por extenso nesta folha.

Certo pedreiro morador em Nazareth na rua de S. Nicolau venha quanto antes pagar o que deve na venda Estrella do Norte.

Pelo casto S. José e pelo bemaventurado S. Ricardo, pede-se a certo empregado na praça que vá pagar o que deve na venda Estrella do Norte.

Pede-se a certo guarda da camara que vá pagar o importe dos generos que tomou para si e seu companheiro (o qual diz ja lhe ter entregue sua parte) na venda da Estrella do Norte.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 16.<sup>a</sup>

BAHIA 21 DE JANEIRO DE 1865.

N.º 162.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17, a 120 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

Com este numero finalisa-se a 16.<sup>a</sup> serie. Os Srs. assignantes que devem mais de tres series não serão mais considerados como laes.

### EXPEDIENTE.

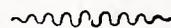
Cidade de Latronopolis bordo do «Alabama» 20 de janeiro de 1865.

Officio ao Exm Sr. Des. presidente da provincia pedindo-lhe que lance suas vistas para a freguezia de S. Felippe, em Maragogipe, a qual informam-nos, achase n'um perfeito estado de anarchia, a população vive desasocegada por ver-se exposta aos faccinoras que alli formigam distinguindo-se entre elles um escravo de nome João que nem a seu senhor respeita!

Constando-nos que não existe alli um só guarda policial, pede-se a S. Ex. se digne dar as providencias precisas.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá ao beco do Motta, caza n.º 18, 2.º andar,

e intime a quem quer que ali mora que não continúe a lançar aguas sujas na rua em cima de quem passa, sob pena de ser conduzido ao porão deste navio. Cumpra.



—Aposto que ainda não reparou n'uma cousa que tem na verdade passado desaperecebida por muita gente,

—Qual é?

—O continuo passeiar dos bispos do Brazil; estão sempre fóra do suas dioceses.

—E' tempo de festa, estão se divertindo.

—Estão com honras dos juizes de direito que sempre tem licença para estarem fóra de suas comarcas,

—E' quasi o mesmo; juiz e padre, todos os seus negocios correm pelo ministerio da justiça.

—E as ovelhas que soffram com a ausencia de seus pastores.

• —Tambem ha tanto lobo vestido de pastor! . . . . .



—Então, Sr. Paranhos, o Sr. já não lê o *Alabama*? E' gazeta que se não

devo ler? Só porque fallou do Sr. conselheiro Saraiva, de quem Vm. falla tanto bem na repartição para se inculcar?

Ora deixe-se disso!

Para que vira a cara?

Não sabe que má criação não é valentia?

Veja lá si quer que eu diga quantas *piquetas* forneceu Vm? Si quer que aponte quaes foram ellas?

Por S. Agostinho, Sr., não me aborreça, faz favor?

Ora bem, veja lá!

—Capitão, V. Ex. far-me-ha um favor?

—Qual é?

—Mande recrutar para bordo do nosso incomparavel *Alabama* o incomparavel *José Balsamo*.

—Que diabo de José Balsamo é um?

—Para a policia secreta é superior ao coronel e até ao *Javert*, de Victor Hugo; para a exemplar é melhor do que o finado Guilherme, o João de Deus, ou o *cabo negro*.

—Mas enfim quem é elle?

—O José Balsamo do *Interesse Publico* que descobriu ha dias uma *melgueira* de corrector e que falla agora em outra de 60:000\$000 rs., descontados em certa caixa de *commercio* por duas firmas de negociantes, um morto e outro *vivo*.

—Ora desfie lá essa meçada.

—Figure V. Ex. o caso de morrer, por exemplo, a 21 de julho um negociante, e terem sido saccadas por elle duas lettras, uma de 40:000\$ rs. a 23 de junho; outra de 27:000\$ rs. a 30 de junho.

Não lhe parece que a sociedade devia logo participar ao administrador do casal, que se achavam vencidas as lettras, visto que é corrente que logo que morre o sacador fica vencida a lettra?

—Sim, devia ser assim.

Mas pergunto eu agora, ha duvida sobre isso?

—De certo; devo havel-a, tanto mais quanto o administrador, apesar de reclamar-os, ainda não teve até hoje os livros da escripturação da caza do fallecido, nem ponde obter esclarecimentos sobre quem foi o portador da transacção, apesar de pedil-os.

—Mas o *vivo*?!?

—O *vivo* é mesmo um *vivo*; é justamente por que está este *vivo* agarrado com o morto que ha cousas.

—Homem, vá pegar quanto antes o José Balsamo, que preciso delle a bordo para dar-me noticias.

Quero tudo em pratos limpos; quero deitar á mostra a calva dos ladrões.

Ah! muxingueiro denodado e valente! tens breve muito que fazer!

(*Continúa.*)

—Os *amigos* do Sr. conselheiro Saraiva não cessam de dizer que é elle muito influente, muito patriota, muito popular. Quem o nega?

Quer-se somente que elle ponha em pratica esse prestigio, essa influencia, esse patriotismo.

Ahi está que alguns offerecimentos tem já sido feitos por diversos, entre os quaes os proprietarios de engenbos, Matuim e Passé.

Por que não os imita S. Ex. o Sr. conselheiro Saraiva?

Por que se não inspira no nobre exemplo dos sempre chorados Bulcão e Santinho, que criavam corpos de voluntarios, logo que com a força intendiam elles ser preciso defender suas patrioticas ideias?

Pois o Sr. conselheiro nada ponde acaso fazer, n'uma epocha em que todos se esforçam para mostrar o seu patriotismo?!

—Os grandes, já sabem todos que são patriotas. S. Ex. já não precisa provar o que é sedição.

—Ah! . . . sim! . . . sim! . . .



—A camara está mandando varrer o largo do Terreiro.

—Acceio na cidade.

—E porque não manda limpar a rua dos Marchantes que causa nojo passar-se por ella?

A rua de Baixo tem um enorme rego causado pelas aguas das cocheiras dos Srs. Ariani e Miguel das Armas e d'um cano do Sr. barão de Paramerim.

Na rua dos Capitães ha um cano que constantemente inunda aquella rua.

Na ladeira da Praça ha um immundo buraco que serve de deposito a cães e galinhas mortas, e quanta podridão ha.

Nos Sete Candieiros ha um montão de cisco, colções velhos e tudo quanto é porcaria.

A camara a nada disto attende. Mandam varrer o Terreiro por que dá mais na vista.

—Talvez seja para commodidade dos moleques que alli jogam peão e empinam arraia.

---

### VARIEDADE.

---

#### Deo na burra.

Perguntava um militar a uma linda recoveira, diz o Douro, que, fustigando a sua jumenta, seguia alegremente o seu caminho:

—Aonde vaes, linda serrana?

—A' minha aldêa, senhor.

—Levas muita pressa?

—Bastante; preciso chegar lá antes de anoitecer.

—Pódes levar-me uma encomenda?

—Com todo o gosto; qual é?

—Olha, dou-te um beijo para entregares a um amigo meu.

—O senhor tem muita pressa?

—Bastante.

—Então dê o beijo na burra, que chega primeiro que eu ao povoado.

(Extr.)

---

### A PERDIDO.

---

#### Atenção.

Pergunta-se ao Sr. Malaquias a razão porque, segundo dizem, tem em sua caza, á rua do Bangala, as escravas Ignez e Mariana e filhos, tendo estas um depositario, que é o Sr. alferes Costa?

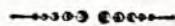
Para que não continue semelhante abuzo, chama-se a atenção do muito digno Sr. Dr. juiz municipal da 2.<sup>a</sup> vara, a fim de que o liberalismo do dito Malaquias não chegue até o ponto de estar se aproveitando dos serviços d'aquillo, que lhe não pertence.

Assim, sim, pede-se muito bem tratar de liberdade!

—Que negocio é um de vencimentos de capotes la pelo corpo policial?

—Dizem que só as companhias dos capitães Salles e Estevam Caetano tem sido reembolsadas, e que as outras estão vendo o signal, tendo dous o trez vencimentos completos.

#### O corujão do quartel.



—Capitão estive em uma novena do Nosso Senhor que não tem *mau fim*, em certa egreja governada por homens que não são *segundos* nem *quartos* e vi um caso que me revoltou.

Vieram algumas familias, decentemente trajadas, assistir á novena, e ao passarem as grades que dividem o

corpo da egreja, um d'aquelles Srs. obistou a passagem, dizendo que o seu logar era das grades para baixo, por ellas serem mulatas.

Tal procedimento mo levou ao ponto de querer mandar semelhante patife para o porão de seu navio, porém vozes que sahiam da minha direita desviaram-me do meu proposito, e prestei attenção ao que diziam.

O objecto que motivava aquellas vozes era um porca de pelle azeviehada, com algumas leitoazinhas de egual côr, pertencentes ao homem que apurava côres, que tinha mandado collocar aquelles immundos animaes em uma tribuna, para mostrar o grande apreço em que os tinha, e tanto era assim que um meu visinho da esquerda dizia para os outros: Aquello santo homem dorme com aquelles animaes. Porém, dizia outro, elle está com uma questão com alguns visinhos, porque elles dizem que as leitoazinhas lhes pertencem por serem filhas de porcos seus.

Mas esta questão ja está decidida disse um 3.º (bem intendido um 3.º não de ordem alguma, e sim dos meus visinhos que conversavam) o homem um dia mandou chamar aquelles que reclamavam os animaes, e na presença de testemunhas, fallou assim:

Meus Srs., vós que reclamaes aquelles innocentes animaes, respondi si eu não tenho rasão; aquellas porquinhas por serem filhas dos seus porcos não são suas filhas: aquella porca mãe é minha, ergo, os filhos são meus.

E os visinhos retiraram-se corridos

—E não foram postos fora da tribuna aquelles animaes e tangidos á taca para algum chiqueiro?

—Qual, capitão, assistiram a todo acto, sendo o qual se retiraram então para seu chiqueiro.

—E onde é o tal chiqueiro?

—Capitão dizem que é defronte da tulha.

Que homem! Apura qualidades na casa de Deus, e suja-a de lama levando semelhantes animaes pa a a tribuna da egreja!

Si S. *Feliciano* mo ouvisse, eu pedia-lhe que não quizesse semelhantes de devotos!

—Mas Sr onde se deu semelhante facto, foi na Bahia?

—Não capitão, foi em Latronopolis em 1863.

—Muxingueiro vá assistir áquella funcção; si la pela egreja apparece, alguem com porcos, meta-lhe a taca e traga-o á minha presença e mais os animaes.

---

## ANNUNCIOS.

---

Sr. João que todos os *dias* anda entre *silvas* e faz *despachos* policiaes, tenha a bondade de ir pagar os 8\$000 rs. que deve a Estrella do Norte.

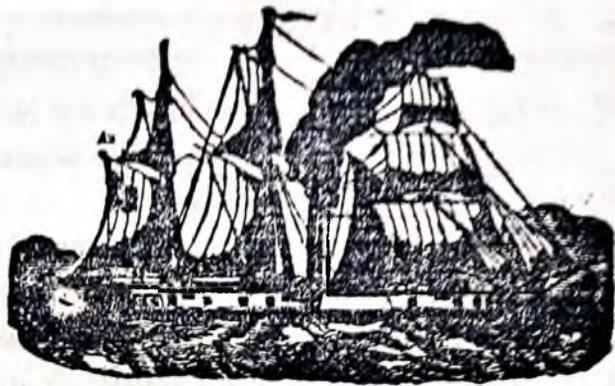
Pede-se por S. *Braz* a certo alfaiate que deve 4\$700 na venda Estrella do Norte que vá quanto antes paga-los.

Pede-se a certo guarda de policia cujo nome não é *Apollinario*, que vá pagar 6\$640 que de tão bom modo se lhe fiou na Estrella do Norte.

Pede-se a um sujeito que faz coberturas para cabeça de nome José, que vá pagar 13\$000 que deve á venda Estrella do Norte.

Pede-se a certo *solfejador* de nome Ernesto, queira ir pagar 6\$380 que deve á Estrella do Norte.

Pede-se a certo individuo servento de rua o favor de pagar seu debito á venda Estrella do Norte.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 17.ª

BAHIA 24 DE JANEIRO DE 1865.

N.º 163.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1.25 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### O embarque da tropa.

Montem foi um dia, cuja lembrança ficará eternamente gravada no coração dos brazileiros e cuja gloria será immorredoura para a Bahia.

Seguiram para o Sul o batalhão de caçadores e o corpo policial—Voluntarios da Patria.

Desde a Mouraria até o arsenal as cazas estavam todas embandeiradas e as ruas, onde se encontravam armados arcos triumphaes, estavam juncadas de flores.

Antes de desfilarem os corpos da Mouraria, ao entregar o Sr. marechal commandante das armas a ordem do dia ao Sr. tenente coronel D. José, a consternação foi geral; lagrimas cahiram dos olhos de todos aquelles bravos soldados que vão, corajosos, vingar os brios de sua nação.

Diante daquelles rostos varonis que se enterneciam ao sentido pranto de innumeradas familias, que imploravam aos céus a victoria para os seus, não houve

um só coração que não sentisse a dor profunda que lhes ia n'alma, ao separar se dos entes que lhes são charos

O clarim porém soou e cada um pensou somente no interesse cemmum.

O corpo policial voluntario aproximava-se.

Os Srs. Des. presidente da provincia, marechal commandante das armas, Dr. chefe de policia, coronel commandante superior, seu estado maior e mais authoridades tomaram a dianteira e seguiram pela Palma, ao som das musicas, dos vivas entusiasticos, dos foguetes que prenunciavam a victoria.

Os Srs. tenentes coroneis Joaquim Mauricio e D. José que traziam duas riquissimas capellas que lhes foram offerecidas, eram frequente e freneticamente saudados, em companhia dos corpos que commandam, sobre os quaes cahia incessantemente uma chuva de flores.

No Guadelupe, em casa do Sr. coronel Carvalhal, estavam com o seu historico estandarte os veneraveis veteranos da Independencia.

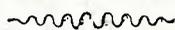
Ao chegar á rua Direita do Palacio, uma senhora recitou uma brilhante poesia.

No arsenal, S. Ex. o Sr. presidente fez uma allocução, depois do que foram ouvidas tres sublimes poesias, dos Srs. Muniz Barretto, Manuel Pessoa e Vianna, estudante de direito.

Assim embarcaram os valentes filhos da filha de Paraguassú, que hão de necessariamente concorrer muito para que não sejamos continuamente agredidos por insolentes e desprezíveis gauchos, que tanto nos incommodam.

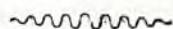
Oxalá vejamos em breve esses benemeritos pizar o solo bahiano com a fronte enramada de verdejantes louros!

E então as lagrimas que hontem deslisaram pelas faces das gentis bahianas, trocar-se-hão pelo riso do contentamento que transbordará no coração amazonico de nossas dignas patricias!



Cidade de Latronopolis bordo do «Alabama» 23 de janeiro de 1865.

Não houve expediente.



—O *Jornal da Bahia*, fallando em receios de que estão alguns possuidos quanto ás promessas feitas aos voluntarios, diz que as folhas officiaes estão proclamando taes garantias em nome do governo que representam, e que um governo que se diz liberal não pode mentir assim, em tão grave emergencia, áquelles que não pediram garantias que lhe foram espontaneamente offerecidas.»

—Muito bem! muito bem! gosto de ver isso! parabens ao *Jornal da Bahia* que acaba de fazer justiça aos seus adversarios politicos!

—Nada de partidos! O homem fallou como brasileiro a brasileiros.

—Engana-se; tanto que elle diz que os receios são fundados em precedentes, e confia em que o governo, para honra do Brazil, não fará como o ingrato, que apenas servido, volta as costas áquelle de quem recebeu o beneficio.

De quem são os precedentes?

—Dos conservadores.

—Quem é então o ingrato?

—O partido conservador.

—Logo...

—E' o que eu disse:

Logo, o *Jornal da Bahia*, despedido das prevenções de partido, falla ingenuamente o que lhe dicta seu coração de brasileiro.



—Hontem, houve um caso importante.

Um certo *Domingos* companheiro de um *Azevedo*, velho tratante e devasso no extremo, desflorou, é o que dizem, uma menor lá para as bandas da Preguiça!

—Como lavra a corrupção em Latronopolis!

—Valha-nos o bemaventurado S. *Henriques*!

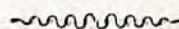


—Malacachias está damnado!

—Porque?

—Porque transigiu com os soldados de policia e chupon taboca.

—Assim succede aos avaros; quem tuto lo quier tuto lo pierde.



—O Dr. Horta é protestante.

—Duvido; é catholico ultramontano, creio.

—Ca, ca, ca, ca! E' protestante politico! negocios de eleição da Victoria; vide o *Jornal de 21* do corrente.

—E como escreveu elle bonito, sem

um erro! Elle que uma vez escreveu na caixa economica a palavra *reforce* com um — e — cedilhado!

—Tem pouco do que se admirar; não foi elle só quem escreveu; elle falla tambem em seus amigos.

—E como vem elle a sangrar-se na veia da saude! Si vier viciada a acta *victoriosa* não foram elles, não, maganões.

—Este Dr. Horta tem cousas!

—Esta *horta* tem couves!

—E foi a policia para o Sul e quem desmanchou a gangorra ficou frescando!

—Homem, é verdade!

E eis que acaba o Exm. Sr. barão de Passé de offerecer 600\$ rs. a qualquer guarda do seu batalhão que quizer seguir, além de sustento á sua familia, e o patriota Saraiva a cuidar nos restos da safra!....

Oh! tempora! oh! mores!

—Beatus est de quem possue; quem está de posse seu dono é.....

—O *Liberal* é advinho.

—Como?

—No supplemento que se distribuiu hontem, 23, ha artigos a respeito da tropa que devia seguir, e pedindo influencia e enthusiasmo da parte do povo. Entretanto publica a allocução do Exm. Sr. Des. presidente que foi lida ás 5 horas da tarde.

—Mysterios.....

—O Exm. Sr. presidente de Goyaz ia hontem acompanhando a tropa para o seu embarque.

—Ia; é liberal, patriota, popular, sem duvida nenhuma.

Mas reparei somente n'uma cousa e

é que elle ia acompanhado das testemunhas que juraram no processo Gravata.

—Serio?! Quem eram?

—O Francisco Corte Imperial, o Aureliano Lisboa e o Rodolpho Bulhões.

—E entretanto fizeram escrever no depoimento *e do costume nada!*

—Prova de boa fé dos taes amigos liberaes.....

## A PEDIDO

—Conhece aquelle tenente?

—E' um sujeito que *lavra*.

—Minas?

—Não.

—Terras?

—Não.

—Então o que?

—Metacs preciosos.

—Que costumes tem?

—A mulher, matou-a elle de desgostos que a fizeram *phthisica*; desgraçou uma pobre viuva que teve a infelicidade de agradar-se daquelle grauçá, quando passava elle por certas *barrocas*, donde mandava vir o dinheiro para suas despesas.

—Quem lhe contou isto?

—O Tito.

—Sabe muito da vida alheia.

—Quanto mais si o Sr. conversasse com o Vespasiano!

—A ser verdade o que me diz, vou intender-me com o capitão do *Alabama* para tomal-o a seu cuidado.

—Não precisa incommodar o moço; dirija-se o Sr. ao muxingueiro que aquillo não é *pessoa* com que se occupe a attenção do capitão.

—Está bom; tomo seu conselho; obrigado, Sr. *Silva*; adeus.

—O capitão Fausto é um patriota á toda prova!

Para influir não ha segundo.  
Foguetes, flores, bandeiras etc. etc.  
para passar o corpo de policia.

—E Vm. cre nisso?

—E porque, não?

—Pois olhe, ou acreditava mais si o visse comô um bravo marchando nas fileiras dos defensores da patria.

—*Amanan!*

—Achei bom tudo que hontem appareceu para despertar o entusiasmo da tropa.

—Tudo?!

—Menos os foguetes; a reclamação no povo era geral: todas as vezes que subiam as girandolas ouviam-se murmurios de reprobção.

Cada estouro era uma punhalada no coração daquelles bravos, que deviam dizer: « Sim, alegrem-se, porque ficam e nós seguimos, sem nossas familias. »

—Tambem havia de haver muitos que dissessem:

« Sim, quando voltarmos, com maioria de rasão e em maior numero, tambem deitaremos foguetes. »

—Mas o que é certo é que enthusiasmo houve e muito.

—O *Rasteiro*.

—Quem? um que anda se arrastando a lambar a lama do chiqueiro do porco pequeno?

—Provavelmente; é um que vive.

—Um *rasteiro*, especie de capim pé de burro, renitente? . . .

—Não; pé de boi é elle pelo contrario.

—Pé de boi! explique-se!

—Pés de boi são esses sujeitos teimosos que quando dizem que a pedra é pau, o pau é pedra.

—Ah! sim! cabeças de ferro chamados!

—Testa de ferro é este.

—Como?

—Rasteja pelo pé do jambo, de quem è editor responsavel.

—Ora intendam lá essa embrulhada! E' um enigma indecifavel, um mysterio sybillino. . .

Mas enfim que teve o *rasteiro*?

—Fugiudo arsenal de guerra, mettou-se entre os mamões, e quer fazer qualificação e dar leis na freguezia dos sanhaços!

—Ora vêm que bobo desfructavel!

Mamão comido e descomido é bom para fazer crescer o capim; que fazem os sanhaços que não applicam a receita no *rasteiro*?

Affugentam assim com facilidade essa comida só propria para cavallos, porcos pequenos ou garrotes.



Sr. Redactor.—Tendo V. dito em seu jornal, que Ignez, e Mariana, de quem sou depositario, tem estado em serviço do Sr. Malaquias José dos Reis, devo declarar-lhe, que foi mal informado, e que ellas nunca sahiram de meu poder, não tendo ido em occasião alguma, nem mesmo por visita à caza do Sr. Malaquias.

Por amor da verdade tenha V. a bondade de publicar estas linhas com o quo me obrigará.

Bahia 19 de janeiro de 1863.

De V. & &

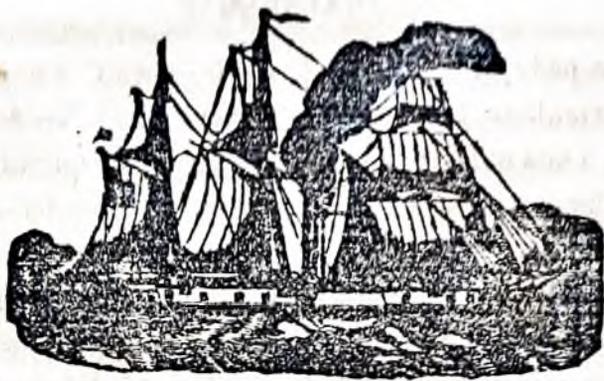
José Antonio da Costa. (\*)

(\*) Não é da redacção o artigo a que allude o Sr. José Antonio da Costa.

A Redacção.

## ANNUNCIOS.

Quem precisar de uma creada parida para o Rio de Janeiro, procure nesta typographia.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 17.

BAHIA 26 DE JANEIRO DE 1865.

N.º 164.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17, a 17 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do «Alabama» 25 de janeiro de 1865.

#### REQUERIMENTOS DESPACHADOS.

O conego Cyri, pedindo para ser capellão dos voluntarios.—Dirija-se ao muxinguiro do *A a a a* que recele nesta data communições a respeito.

A crioula, comadre do conego Cyri, pedindo para seguir, como capellôa, no batalhão da Mata-cobra.—Idem.

—No *Jornal da Bahia* de 25 do corrente vem um artigo que rende completa justiça á S. Ex. o Sr. Des. presidente da provincia.

—Eu não lhe dizia que o *Jornal* não tem partido quando se tracta da causa commum!

O *Diario* não tem deixado de ser um pouco injusto para com o *Jornal*.

A prova é que franqueia elle suas columnas para se dar a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus.

Não posso por tanto deixar de dar parabens ao *Jornal da Bahia* pela sinceridade de seu coração.

—O tenente coronel Mondin Pestana proclama ao povo, convidando-o a formar na capital um 2.º batalhão de voluntarios da Patria.

—E é preciso que vingemos os insultos a nós feitos pela gente do Prata

Tenho aqui sob os olhos uma gazeta de Montevidéu, o *Artigas*, que diz o seguinte:

«O canhão de S. Christovam trovejou nas aguas do Uruguay. A canalha brasileira que obedece no Prata á voz do Cons. Saraiva metralhou o pavilhão oriental.

«Eia, filhos da Democracia!

«O ultraje feito á nossa bandeira não se pode lavar sinão despedaçando o solio imperial, rasgando seu manto, quebrando seu sceptro, pisando com as ferraduras dos nossos cavallos a coroa do monarcha insolente.»

—Jesus! que horror! que desaforo! que insolencia de gaúchos!

—Ouça mais este pedaço:

«Trinta e tres orientaes bastaram para dar liberdade á sua patria; nós, seus filhos, somos sufficientes para conservar essa liberdade, para castigar a arrogancia do inimigo desleal, para esbofetear o insolente monarcha.»

—Sr., basta, não continúe a ler taes infâmias!

Esses miseraveis bandidos, despreziveis salteadores, precisam de uma severa leccão!

Povo! avante!

Vinguemos os bríos de nossa nação aggedida!

Mancebos, esperanza e gloria do paiz, a patria confia em vós!

O bravo veterano da Independencia chama vos em nome da patria, accudi a seus reclamos!

Que continúe assim a Bahia a sustentar entre suas irmans o distincto logar que lhe conquistaram seus heroi-cos feitos!



—Vin o *Padre Amaro* ultimo?

—Oh! falta purissimas verdades!

E' realmente de lastimar que estejam esses jesuitas e hypoeritas a dar importancia a umas mulheres que nunca tiveram-na!

—Que duvida! Em toda a parte as irmans de charidade curam, são enfermeiras, pois é este trabalho de sua regra. Aqui ensinam, são professoras; e quando depois de muitos clamores, por um requinte de adulação, de hypoerisia e de malvadez, são os brazileiros despedidos, são ellas chamadas para enfermeiras,—não podem curar todas as molestias, porque o inhibem a pudicia e o voto de castidade, a ellas, as desertoras dos boulevards!

E as filhas de João de Mattos que deixou, como outros muitos, sou di-

nhairo para que a orphandade não soffesse. . . as filhas de João de Mattos que são virgens, quando alguns mezarios infamos não as desfloram. . . . as filhas de João de Mattos —que vão fazer o trabalho que tem obrigação de fazer quem recebe o DINHEIRO BELLAS! . . . .

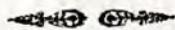
Isto é um desaforo revoltante!

—Cale-se, cale-se por quem é! E' tempo de guerra, são capazes de o mandar recrutar, dizendo que V. quer fazer uma *charidadesada*.

--E por V. fallar em guerra, por que não vão ellas para a guerra.? por que como disse o *Padre Amaro* não seguem o exemplo das que foram á Criméa?

As do Rio da Prata levavam communicações officiaes a Leandro Gomez, entravam na guerra, como politicas; as do Brazil porque não ajudam os brazileiros, ao menos, exercendo a charidade?!

—Ora dá-se! . . . .



—Ora veem que gallego dos diabos!

Como se espalhou a noticia de que não se dera bem nos terrenos do sul a arvore *gamelleira*, tanto que morrera, está aquella onça espumando de raiva e blaterando contra o Brazil!

--Onça não, rapaz; aquelle bicho é *leão*, e leão que come gente alem de traficar com os infelizes que tem a desdita de ser escravos.

E' um desses que amassam o pão com a lagrima do afflicto!

—Othe que cara de rato! e como mette-se naquella cafurna, alli por baixo daquella escada!

—E' o palacio do monstro.

—Muxingueiro, livra a rua do Ouro daquella fera antropophaga!

Da-lhe vergalhadas a valer!

(Continúa.)

— Capitão, ouça uma historia.

— Não quero mentiras.

— Verdade pura, capitão.

— Pois vamos com isso.

— Um certo alferes destacado com *bom fim* teve o atrevimento de pretender alliciar um moço de 12 annos para *maus fins*. Sabendo disso o irmão, foi-se ao alferes e fez-lhe ver que elle *não gostaria*, si continuasse. O alferes chamou dous guardas e mandou recolher o moço!

— Onde?! Que diz?!

— Onde? em Latronopolis. Que digo? a verdade.

— O nome do alferes?

— Ignoro-o, mas o nome nada vem ao caso. Mande-o V. Ex. amarrar a um *pinheiro*, fazendo-lhe o muxingueiro as contas e o patife tomará geito.

— Aceito a lembrança, amigo; obrigado.

### VARIÉDADE.

Um inglez que intendia mui pouco o idioma portuguez, achava-se em certa caza de familia onde havia uma senhora, por quem elle seriamente se apaixonara.

Ao retirar-se, querendo dizer-lhe que a levava no coração e não sabendo proferir esta palavra em portuguez, pegou em um baralho de cartas, tirou o az de copas, cuja pintura representa um coração e, chegando-se a um sujeito, perguntou-lhe em voz baixa:

— Come chame este couse?

— Az de cópas, respondeu o sujeito,

— Mui biem, disse elle.

E despedindo-se de todos, chegou-se á moça e disse-lhe:

— Madama, eu leva vossê ni minha az de copas. . . .

(*Extr.*)

### A PEDIDO

— Que sujeito é aquelle?

— E' um grande usurario, homerico que mandava entretanto suas filhas fazer adobes para construir cazas; maltratava-as por tal maneira que ellas empinaram-se, cazardo.

A pobre mulher soffre tambem os diabos.

— E quem é aquelle outro?

— E' o genro, tabareu como o sogro e forma do pé deste.

Quando juiz, levou uma amazia em sua companhia e com ella vivia em grande escandalo.

— E aquelle infeliz?

— E' o pobre do filho que vive a cortar capim, quebrando pedras, e serrando paus.

— Que velhusco insolente!

— E devasso. . . Pois não deu agora para *conquistador*!

Ninguem pode com elle por alli; fez um *sangradouro* o patife e com seu dinheiro intendeu que devia rufanar a valer.

A vizinhança já não pode aturar o sertanejo; as familias vivem amedrontadas; pecunia totum circumit orbem; o dinheiro é que rege o mundo e quem tem filhos estremece pelo seu futuro.

— Boa presa para o muxingueiro de Alabama!

— Qual, Sr.! si fosse em *Jacobina*, ou em qual quer outra parte do sertão, tanto o sogro, como o genro ja tinham ajustado contas!

— Que duvida! Isso affianço e juro eu pelo chapéu branco do Gouveia.

— E esta! aquelle bicho velho que fugiu daquella *horta* está damnado! quer morder a todos! Furiosa hydro-hebia! Cruz, cruz! ave Maria!

Sursum corda! alleluia! arruda o sarga! cruz!

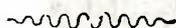
—Quo tem o Sr., amigo? está acaso infeitiçado? foi quebranto que lhe deitaram?

—Aquello furioso canzarrão que me quer offender!

—Dê-lhe a bolla, que o bicho socega.

—Ah! quem me dera a taca do muingueiro do *Alabama*!... então ganhava eu *victoria*, e levando o cadello amarrado por entre as *silvas*, por Deus quo o bicho acharia por *graça* seu cemiterio na *horta*!

Passa fôra, cão!



Chama se a attenção do Illm. Sr. Dr. chefe para um sobrado á rua Direita do Collegio onde se ajuntam todas as noites, uma sucia de reus de policia, vadios e capadocios para se entreterem com o pernicioso divertimento do jogo, incommodando a vizinhança com seus continuados alaridos e desordens.

*A vizinhança incommodada,*

### Mais um acto de patriotismo.

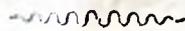
Consta que o 2.º batalhão d'infantaria da guarda nacional que se acha aquartelado pretende no dia em que sahir do aquartelamento, offerecer-se ao governo para marchar para o Rio da Prata. E' mais uma gloria que cabe á Bahia. Desde já felicitamos ao digno commandante, officiaes e mais praças de tão distincto batalhão por esse acto de patriotismo e valor.

### Atenção!

Mais um padrão de gloria para os denodados sant'amarenses, que não trepidam em acudir ao reclamo da

Patria, ja correndo a alistarem-se na capital como voluntarios, ja organisando um corpo para marchar em socorro de nossos irmãos d'armas que se acham nas fronteiras do Uruguay!

Honra ao patriotismo dos valorosos sant'amarenses!



Sr. Redactor. — Tendo V. dito em seu jornal, que Ignez e Marianna, de quem sou depositario, tem estado em serviço do Sr. Malaquias José dos Reis, devo declarar-lhe, que foi mal informado, e que ellas nunca sahiram de meu poder, não tendo ido em occasião alguma, nem mesmo por visita á casa do Sr. Malaquias.

Por amor da verdade tenha V. a bondade de publicar estas linhas com o que me obrigará.

Bahia 19 de janeiro de 1865.

De V. & &

José Antonio da Costa. (\*)

(\*) Não é da redacção o artigo que allude o Sr. José Antonio da Costa.

*A Redacção.*

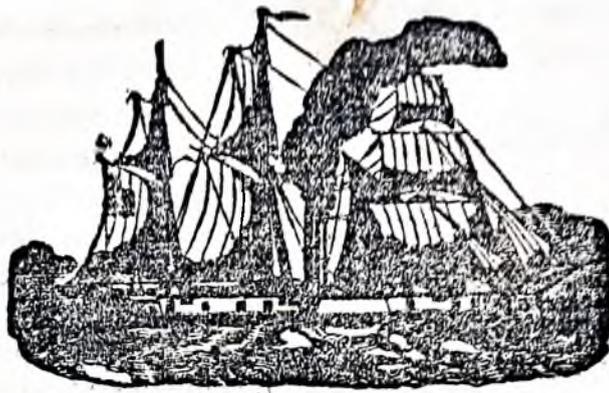
### ANNUNCIOS.

Quem precisar de uma creada parda para o Rio de Janeiro, procure nesta typographia.

Pede-se a certo *solfejador* de nome Ernesto, queira ir pagar 6\$580 que deve á Estrella do Norte.

Pede-se a certo individuo servente de rua o favor de pagar seu debito á venda Estrella do Norte.

Pede-se encarecidamente e pelo milagroso S. Nicoláu, a certo dentista, que vá pagar a quantia de 10\$000 rs. que deve na venda da Estrella do Norte.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 17.ª

BAHIA 28 DE JANEIRO DE 1865.

N.º 465.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1.ª rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 27 de janeiro de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que ordene a seus fiscaes para que obriguem os pretos que conduzem burros de carga a seguir na sua frente para que se não repitam os factos, que constantemente se dão, de abalroarem os burros as pessoas que transitam, como ainda ultimamente succedeu, no Garcia, com uma pobre mulher que cahiu e ficou inteiramente maltractada.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá á uma caverna subterranea á ladeira da Palma e intime ás pessoas que ali encontrar que acabem quanto antes com um samba immoral que muito tem incomodado a vizinhança, desde o embarque da tropa, sob pena de serem os machos recrutados e as femeas tambem para vivandeiras. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ao largo do Theatro e prohiba ao guar-

da do chafariz dalli a continuação de seus escandalos e immoralidades com as negras que vão buscar agua, sob pena de ser avisada a companhia e conduzido elle para o porão. Cumpra.

—Ora que padres! viraram cachorros! como andam ás dentadas!

—E' aquelle homem *celestes* que provoca o outro, que é alias um bom moço; que frade damnado, meu bom S. *Francisco*!

—Meu bom Santo Antonio—é o que se diz.

—C'est tout la même chose, rapaz; Santo Antonio e S. *Francisco* são ambos da mesma ordem.

—Que *tino* tem o frade de morder! la se vae o dedo do pobre padre!

E isso dentro da igreja! que escandalo, que escandalo! que horror!

—E o maioral do convento que não apparece!

—Ora esta! quer V. que o homem seja tambem mordido!

—Mas, Sr., que frade é esse?

—Um refinado patife que, dizem, deflorou tres filhas d'uma sua concubina!

—Misericordia!

Quem é da igreja acuda á igreja!  
Misericordia! . . . . .

-----

—A cavallaria não seguo para o Sul?

—Não; dizem que lá não ha necessidade della.

—Pois o Sr. major Bethbeset dizem que está ancioso por seguir.

—Ora historias!

Não se quer lá cavallaria que plante aboboras.

—Como? que quer dizer na sua? explique-se.

—Pois V. já não viu em frente do quartel uma aboboreira?! Si os guardas não a plantaram, querem ao menos colher as aboboras. .

—Tambem V. nada falla serio!

—Ora da-se! . . .

-----

Maldito vapor dos diabos! que viagem massante! uma hora e dez minutos da cidade ao Bomfim!

E chamam a isto *Progresso*! Realmente quem tal nome lhe botou casuou com os progressistas.

—Ja V. quer metter partidos no meio!

—E V. duvida? Não sabe que a companhia era dirigida por vermelhos? que mal lhes ia em cassuar assim com os adversarios?

Pois este rançoso carro de lama não merecia bem o titulo de *conserva*, ou *regresso*?!  
—Mas ao menos repare em que o vapor é mais velho do que a liga.

—Quer então V. dizer que a liga nasceu deste alcaide?

Que filho de alcaide alcaide ha de ser?

—V. sempre tem cousas! . . . .

~~~~~

—O tenente coronel Gustavo Adolpho de Menezes está encarregado de organizar um terceiro batalhão de voluntarios.

—Viva o entusiasmo bahiano!

—Ab! que brasileiro não se sente indignado ante os ultrages e os insultos feitos á nossa patria por aquelles turbulentos visinhos! . . .

Além das depredações, das mortes, das affrontas com que de continuo nos mimoseam—insultos em suas gazetas!

—Homem, vi no *Alabama* uns trechos, extrahidos de uma gazeta delles, horrorosos.

—Viu? Pois veja mais este:

«27 de agosto de 1864.

«Nesse dia os canhões brasileiros estrearam no Uruguay, disparando seus primeiros tiros sobre a gloriosa bandeira dos orientaes.

«Esse acto de abominavel pirataria, praticado em nome da monarchia a mais odiosa, da nação a mais covarde, do povo o mais prostituido, é uma duplicada offensa, cuja reparação está somente na guerra.»

—Ora que patifes!

—Quer ver agora uma hespanhola da de gosto?

Ouçã.

«Que resistencia pode offerecer o Brazil, quando qualquer republicano dos mencionados vale por dez imperiaes? Existe acaso parallelo entre o valor do escravo e o do livre?»

—Ora que bestas!

Taca é o que precisam aquelles homens, si é que são homens elles que nos chamam de macacos.

Povo! ás armas! aeudi ao chamado de vossa mãe que vos implora vingança contra os ingratos que assim a maltractam!

-----

—Viu uma carta no *Jornal*, a respeito dos filhos dos voluntarios?

—Vi; é patriotica a ideia, que deve ser por tanto acolhida.

—E viu o artigo do *Interesse Publico* sobre a situação?

—Vi tambem; é a expressão sincera das convicções profundas d'um patriotico pensador.

—Felizmente concorrerem todos com seu contingente para a grande causa commum!

—Nem era de esperar outra cousa do character dos briosos filhos da Santa Cruz.

Ante o perigo que corre a patria, cessam as desintelligencias internas, e todos ligados n'um amplexo fraternal porfiam por cercar o governo do prestigio de que carece em tão grave emergencia.

—Viva portanto a união dos brasileiros! Viva, viva!



—Sabe o que me contaram, capitão?

—Que foi?

—Que antigamente houve em Latro-nopolis uma guerra, como a do Rio da Prata, e que tendo marchado toda a tropa, teve de aquartellar a guarda nacional. Um capitão do batalhão dos Pitús, creio que Augusto, era caixeiro de escripta da caza commercial d'um insolente labrego, que tinha vindo da Costa como um *pinto* e que depois trazia a cara calçada e dura como *louça*: teve o moço de ir para o quartel e depois de dous dias voltou a seu trabalho.

—Ou bem caixeiro, ou bem guarda nacional, disse-lhe o gallego.

—Passe bem, respondeu o moço e sahiu.

Havia então, como hoje um batalhão de voluntarios, e o moço que era pobre e honrado, como nunca o serão esses safados traficantes, emigrados do Limoeiro e das *ilhas d'alem-mar*, o moço, digo, assentou praça no corpo voluntario, assim de ter sua familia um meio seguro de subsistencia.

Isso, meu capitão, n'um tempo em que a cidade estava sem tropa, em que os negociantes, como agora (admiravel coincidência!) andavam a arranjar patrulhas voluntarias!

Que desaforo! não acha, capitão?

—Si fosse agora, mandava ja e ja o muxingueiro procurar esse gallego atrevido que tractava assim seus empre-

gados em quanto seus patricios tomavam tanto interesse pela patria que os adoptou, onde enriqueceram e onde viviam!

—Ah! capitão! quem sabe o que sua policia poderia fazer! Mande ella por ahi, e por *Santo Antonio*, por seus grandes milagres metta o gallego em taca; ponha-o no porão de machos aos pés e muita gente bendirá sua corajosa e desinteressada accção!

—Sim, sim, vou ja expedir as ordens.

Gallego, prepara-te!



—Oh! que diz, Sr.?!

—Sim, não pode tirar agua aqui!

—Mas porque, Sr. alferes?

Esta fonte é da cavallaria, ou do publico?

—Não sei.

—Jnlguei que como estava no meio da rua e fora construida com o dinheiro do povo, era do povo.

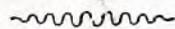
Fico porém sabendo agora que a fonte é dos cavallos....

.....

—Com quem se intende uma reclamação nosse sentido? com o governo? com a camara?

Emfim, seja la com quem for, deseja-se saber si a fonte d'Agua de Meninos é ou não do publico e para o publico.

Olhe que ha cousas!



—Será certo que a Mizericordia tem contracto com o governo para receber os doentes pobres?

—Que duvida!

—Pois, meu amigo, o Sr. Francisco Antonio Carvalho Junior, que está preso, a completar o pouco tempo de pena que lhe resta a cumprir; elle que não está doente *pro formula*, visto que tem attestados dos Srs. Drs. Bittencourt e outros; elle que já, por ordem do governo, mudado do seu cubiculo para um logar que lhe ficou mais commodo; elle, digo, até hoje não foi attendido ainda pelo charidoso Sr. Figueredo Leite, provedor da santa caza!.....

E' recorrer ao governo.

—Creio quo já o fez.

Mas por ora o Sr. Figueiredo Leite a nada attende; está talvez atarefado com a *rehabilitação* das suas queridas irmans de charidade!

—Qual, Sr.! Provavelmente é capricho, tanto que quer que o homem coma por dia um quarto de gallinha, como si elle estivesse ás portas da morte.

—Tambem pôde ser.

(*Continúa.*)

## A PEDIDO.

—Que sujeito é aquelle dengoso, requebrado, polido, amarolletico, de cabello tão liso e lustroso?

Parece um anginho.

—E' com effeito o archanjo S. *Raphael*.

—E como recebeu dinheiro alli em Santa Barbara, naquelle açougue?

—Em falta dos fiscaes que a camara suspendeu, desceu elle do ceu e anda fiscalizando as tascas e açougues, e recebendo alli aquella multa, prendeu o homem á ordem do chefe de policia e depois á do subdelegado e talvez mais tarde á de S. *Lucio*.

—E podia fazer isso?

—Si o homem é do céu!

—Ou do inferno; malvado como é, completa antithese do anjo, devia estar sob as plantas de S. Miguel.

—O muxingueiro do *Alabama* julgo que nenhum mal lhe faria.

—Oh! por S. *Casimiro*! que é uma bella lembrança!

## ANNUNCIOS.

Pede-se ao Sr. Braz *costureiro* queira ir a venda da Estrella do Oriente pagar 4\$700 rs. que deve.

Pede-se a um certo carapina que pelo bem aventureiro S. *Rufino* vá pagar 4\$900 rs. que deve na venda Estrella do Oriente.

Pede-se ao Sr. José vindo de *Bitten-court* o importante favor de chegar á

padaria á Cruz que não é a do *Paschoal* para pagar uns cobrinhos magros. — uns dez mil réis que tomou na dita padaria em effeitos, ha mais de quatro zes, sem que tenha tido a delicadez de dizer a rasão de sua falta de palavra ou pedir desculpa de sua má fé.

De outra vez se ei mais claro e não terei mais contemplanções.

*O fia-se em todos.*

Pede-se a certo *solfejador* de nome Ernesto, queira ir pagar 6\$580 que deve á Estrella do Oriente.

Sr. João que todos os *dias* anda entre *silvas* e faz *despachos* policiaes, tenha a bondade de ir pagar os 8\$000 rs. que deve a Estrella do Oriente.

Pede-se por S. *Braz* a certo alfaiate que deve 4\$700 na venda Estrella do Oriente que vá quanto antes paga-los.

Pede-se a um sujeito que faz coberturas para cabeça de nome José, que vá pagar 13\$000 que deve á venda Estrella do Oriente.

## POST-SCRIPTUM.

### Noticias do Sul.

Paysandú está tomado. Leandro Gomez esta degollado.

Os inimigos deixaram em nosso poder setecentos prisioneiros, perdendo nós duzentas praças, entre as quaes dous officiaes apenas, um da marinha e outro do exercito.

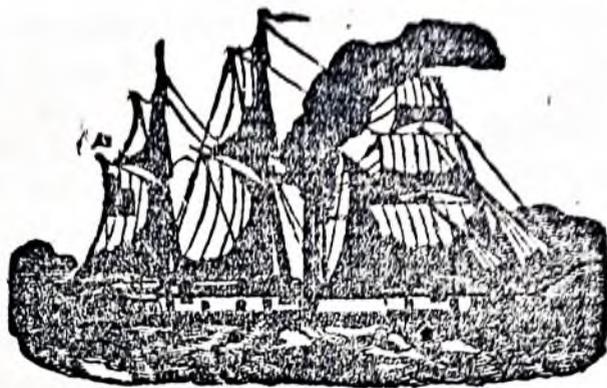
São as noticias mais importantes cujo resumo aqui damos á pressa. No numero seguinte explanaremos alguns factos principaes.

O *Alabama*, gazetinha que corro pelas mãos do povo, não é sóra de proposito que lhes annuncie hoje, bem que incompletamente tão faustuosa victoria para as armas brazileiras.

—Os paraguayos invadiram o Matto-Grosso e tomaram, depois de renhida resistencia de nossa parte, o forte de Coimbra.

Breve lá estaremos.

Deus seja por nós!



# O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 17.ª

BAHIA 31 DE JANEIRO DE 1865.

N.º 166.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 30 de janeiro de 1865.

Officio ao Revm. Sr. guardião do convento dos religiosos franciscanos, pedindo-lhe informações sobre o facto que nos informam de andarem os frades a dar cabeçadas, dentadas e pauladas, uns nos outros, com grave escandalo dos fiéis que assistiam ao officio divino e que foram, dizem, interrompidos pela estranha bulha que vinha do interior.

—A' companhia bahiana, pedindo-lhe, em vista das innumeradas reclamações que tem havido, que mande deitar um pouco de agua, na ponte da cidade, para as pessoas que são obrigadas a esperar alli pela chegada dos vapores.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá ás Portas da Ribeira e faça multar, já que o Raphael não vê, o dono d'uma padaria que impinge pão de farinha podre por 30 rs. Cumpra.

—O Dr. Horta tem cousas'

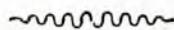
Pois não tornou á carga! não veiu de novo com a eleição da Victoria!

E diz que se revela o movel do acto de S. Ex., annullada sua amavel eleição e subsistindo as do Pilar e Brotas.

—Ca, ca, ca, ca! Bem lembrado! Já não defende; concorda em que a eleição da sua freguezia tinha vicios, mas que outras tambem tiveram.

E' realmente um meio singular de defeza!

Ca, ca, ca, ca!



—O recrutamento tem estado furioso.

—Mas não por ordem do governo.

—Dizem que devia estar suspenso.

—Ignorancia.

—Não, Sr.; o *Jornal da Bahia* tambem diz.

—E' dos mestres o errar.

Eu ca penso assim:

Sempre houve recrutamento e admissão de voluntarios com regalias. Agora só o que ha é maior numero de regalias para os voluntarios.

O praso de tres mezes é para se apromptarem os corpos e não para suspensão do recrutamento.

—Tambem pode ser.

—Eu ca penso assim.

E si quor leia:

«Art. 14. Gosarão de todas estas vantagens aquelles que na corte e provincia do Rio de Janeiro se apresentarem dentro do praso de 60 dias, nas provincias mais proximas no de tres e nas mais remotas de quatro mezes contados da data da publicação deste decreto nas respectivas capitães; os es guardas nacionaes aos commandantes superiores, e onde os não houver aos commandantes dos corpos, e os outros voluntarios ás authoridades que o governo designar.

—*Salve*, amigo, como passa?

—Bem.

—Então, Sr. afinador de pianos, ainda alimpa o az com a lista de certos candidatos?

—Indiscripção.

—Muxingueiro, toma conta desta pezeta.

—Attenda, capitão.

—Cala-te ja, lazzaroni dos seiscentos, nem mais uma palavra!

—Pois então n'uma repartição publica é que tu achas para fallares do governo?! Mas a culpa não a tens tu, gallego insolente; a culpa tem quem te atura a bilis.

—Sr., eu nada disse.

—Então não disseste que os brasileiros eram os doze pares de França?

—Eu não, capitão.

—Não estavas a ridicularisar a victoria das armas brasileiras?

—Não era capaz, capitão.

—Não disseste isso na repartição da Mesa de Rendas?

—Calumnia, capitão.

—Safado! Calumnia e injuria é o que vertem tuas palavras ascorosas, tua baba pestifera, teus beiços sordidos, tua lingua damninha, patife!

—Infame, assim pagas a hospitalidade que recebes dos brasileiros!

Vou dar-te ja o castigo que mereces, infamo!

—Ai, capitão, por S. João *Baptista* perdoe-me.

—Não ter eu aqui um *leão* para devorar-te as entranhas, para esmigalhar-te vivo!

—Meu Deus!

—Grita antes pelo diabo que é quem te ensina a traficar com a carne humana.

Muxingueiro, este patife está á tua disposição.

—Sim, Sr., meu capitão.

—O Bethbezet continúa a fazer exercicio na Boa-Viagem.

—E' bom ponto, com effeito.

O Montserrat representa Paysandú.

—Ora viva! Paysandú já está tomado; agora o Montserrat representa o Humaitá no Paraguay.

—E o Bethbeset D. Venancio Flores.

—E a dar-lhe! O Flores é do Uruguay, meu amigo; o Bethbeset representará.....

—Ora quem?

—Seja lá quem for.

—Ora vejam que besta, a rir, a encasificar os outros, a ridicularisar a manifestação em favor da tomada de Paysandú!

—Deixe aquelle *gallinha chóca*!

—Ah! muxingueiro!

—Linguinha, não se bote a morder; olhe sua mulber e seus filhos!

Então quer matar o moço?

Si não é o conego, V. *arrefestelava-o* todo, eim?

Que valentão!

—Mas valentia, só na lingua é que V. tem....

Tanto que ninguem sabe com quem foi a proeza de que V. se gaba.....

—Foi com elle mesmo, sim, Sr.

—Foi com a p. . a p. . a p. . a pa-  
ta que o poz, meu bobo d'um dardo!

—E o cão a investir!

E' por que me não lembrei.

Não passo mais pela Graça; esta mal-  
dita *horta* com este maldito cão solto!

Não ha policia, não ha policia! não  
ha camara, não ha fiscoes! Sinão o  
dono havia de pagar multa e matal-o!  
Tem lá termos isto!

—V. conhece aquella firma?

—Muito; é o frade mais devasso que  
ha. Conhece o Fr. Bugre? é elle.

—Ah! conheço; é um que deu ago-  
ra para servir de Mercurio.

—Justamente, mas Mercurio sem  
azas; traz nos pés ferraduras que o  
tornam cambaio,

—E que cachaço tem elle!

Uma carga alli ficava-lhe a valer.

—E onde vê, aquelle patife desgra-  
çou uma pobre mulher, que um com-  
panheiro d'elle seduziu e perverteu. A-  
quelle frade é lascivo como um bode,  
ciumento como um gallo, intrigante  
como o diabo; viu que o companheiro  
tinha-lhe passado a perna, foi ter com  
o pae e este com um parente da moça  
que a sustentava e aos filhinhos.

O parente, convencido, nem mais  
olhou para a infeliz senhora, que vive  
exposta á miseria e aos ditos infames  
de Fr. Bugre, que se deleita com a des-  
graça alheia.

—Como vae isto!

Todos os horrores e prostituições da  
Grecia antiga reproduzem-se hoje em  
Iatronopolis!

Um convento é um lupanar, um  
frade um. . . . um. . . . diabo, um mal-  
vado, uma peste!

—Ha entretanto um remedio; man-

de V. Ex. o seu muxingueiro ficar na  
portaria de qualquer convento á noite  
e verá como lucra a moralidade.

—Não, nada disso por ora; o muxin-  
gueiro o que vae fazer é tirar um pou-  
co da banha de Fr. Bugre para não  
morrer abafado.

—Vae refrescal-o, não? E' boa lem-  
brança, uma obra de misericordia, uma  
acção meritoria.

Deus dê saude a V. Ex. e vigor nos  
pulsos do seu muxingueiro!

—Capitão, no portão da ponte de  
ferro que a companhia Bahiana está  
fazendo, ha uma rampa de madeira  
para facilitar a entrada aos passagei-  
ros, e como estes muitas vezes não su-  
bissem pela frente da dita rampa e sim  
pelos lados d'ella, a companhia para evi-  
tar isso e aformosear mais a entrada da  
dita ponte, mandou collocar a uma bra-  
ça de distancia do portão, em cada lado,  
uma especie de frade de madeira,  
presas em cada um delles duas pontas  
de correntes, e as outras duas pontas  
presas nas extremidades do dito por-  
tão, evitando assim as passagens la-  
teraes.

—E não acha que foi bem lembrado  
aquillo?

—Acho, capitão, e como intendo  
que não foi feito para descanso de  
pessoa alguma, vinha pedir a V. Ex.  
para mandar correr á taca os saveiris-  
tas da escada visinha, moleques, ne-  
gras etc. etc. que alli todos os dias  
se embalançam, fazendo daquillo rêde  
de descanso, destruindo parte de uma  
bella obra que ainda se acha em prin-  
cipio.

—Muxingueiro, vae com a taca cor-  
rer aquella canalha d'alli para fóra, e  
dizer-lhe que aquillo não se fez para  
divertimento de vadios.



---

**VARIÉDADE.**


---

Entrou um pobro em uma loja de barbeiro, e pediu que lhe fizessem a barba pelo amor de Deus. Fizeram-no esperar algum tempo e por fim mandaram-no sentar.

Esfregam-lhe a cara com agua fria, mal lhe dão sabão, pegam de uma navalha de levar couro e cabello e começam, sem mais cerimonia, a escanhoal-o sem dó nem consciencia.

Torcia-se o misero sem ousar queixar-se, a tempo que um gato que torturavam no quarto immediato, prorompe n'uma gritaria infernal.

—Que diabo tem esse gato? Grita para dentro o barbeiro que, além do mau humor em que o puzera a barba gratuita, começava a impacientar-se com tanta bulha.

—E' talvez, replicou o pobre, algum pobre gato a quem fazem a barba pelo amor de Deus.

O barbeiro riu-se, desfranziu a testa e acabou de barbear o homem com mais alguma charidade.

(*Extr.*)

---

**A PEDIDO.**


---

**Para o publico ler, e a Illma. camara actual meditar e resolver.**

«Lei do 1.º de outubro de 1828.— Art. 83. Tambem nomeará a camara um ou mais fisceacs e seus sup- plentes para servirem durante os qua- tro annos, assim estes como os no- meados no artigo precedente: servindo uma vez não poderão ser constrangi- dos a tornar a servir sinão depois de passados outros quatro annos.

—  
«Aviso de 16 de agosto de 1863.—A camara não pode nomear *sinão um fis-*

*cal para cada freguesia, e sendo o no- meado sargento da guarda nacional, reputa-se vago o posto.»*

A' vista do que se acha transcripto, espera-se que seja cumprida a lei e res- tituidos a seus empregos alguns paes de familia, que até hoje não delinqui- ram.

*A justiça.*

---

**Atenção.**


---

Corre que muito se apavora Thomaz d'Aquino *Martins* com a annullação que tem de fazer a camara do contracto das barracas para dal-as a uma anti- ga sanguesuga.

Tal não ha, nem pode haver.

Não é possivel que continúe a ser mugida essa teta; tracte o yoyô de procurar outra, onde melhor se farte com seu amavel socio.

Espera-se que preste atenção a es- tas linhas a dignissima camara em quem muito confiam os municipales.

*O inimigo dos velhacos.*

---

**ANNUNCIOS.**


---

Pede-se a certo *solfejador* de nome Ernesto, queira ir pagar 6\$580 que deve á Estrella do Oriente.

Sr. João que todos os *dias* anda en- tre *silvas* e faz *despachos* policiaes, tenha a bondade de ir pagar os 8\$000 rs. que deve a Estrella do Oriente.

Pede-se por S. *Braz* a certo alfaia- te que deve 4\$700 na venda Estrella do Oriente que vá quanto antes paga-los.

Pede-se ao Sr. *Braz costureiro* quei- ra a venda da Estrella do Oriente pagar 4\$700 rs. que deve.

Pede-se a um certo carapina que pelo bem aventurado S. *Rufino* va pa- tar 4\$900 rs. que deve na venda Es- trella do Oriente.

